



UC/EPCE-2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Os Traços da Personalidade e a Violência no Namoro:
Estudo com Jovens Adultos**

Tiago Alexandre Lopes Dias (tiagoalex93@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento sob a orientação de Professora Doutora Maria São
João de Castilho Brêda

Os Traços da Personalidade e a Violência no Namoro – Estudo com Jovens Adultos

Resumo

No âmbito da presente investigação, os traços de personalidade e a mesma enquanto configuração motivacional e emocional tem-se destacado como uma variável significativa na ocorrência de atos violentos nas relações de namoro. Partindo de uma revisão da literatura sobre a Personalidade segundo o modelo dos Cinco Grande Fatores e a violência nas relações amorosas, o presente estudo centra-se na análise da relação entre os traços Amabilidade, Conscienciosidade e Neuroticismo e a perpetração de atos de violência nas relações amorosas.

A amostra utilizada é constituída por 275 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, a frequentar o ensino superior em diversas cidades. Para analisar a relação entre as variáveis em estudo, foram utilizados o Inventário de Violência Conjugal (IVC; Machado, Matos, & Gonçalves, 2000) e o International Personality Item Pool (IPIP BF50) que se encontra traduzido para a população portuguesa (Oliveira, J. P., *s.d.*) e disponível para uso livre mas que ainda se encontra em processo de adaptação. Utilizou-se também um questionário sociodemográfico elaborado de acordo com os propósitos da investigação.

Os resultados encontrados sugerem que existem relações de associação positiva e significativa entre o neuroticismo e a ocorrência de violência no namoro, assim como entre esta e um domínio específico do neuroticismo, a propensão para a experiência de raiva. Também foi encontrada uma correlação negativa e significativa entre a autodisciplina, que constitui uma faceta da conscienciosidade e a perpetração de violência nas relações íntimas.

Em conclusão, esta pesquisa permite destacar a importância dos traços de personalidade dos sujeitos enquanto potenciadores ou inibidores da perpetração de atos agressivos no seio das relações amorosas na adultez emergente.

Palavras-chave: adulto emergente, violência, violência no namoro, personalidade, neuroticismo, amabilidade, conscienciosidade.

Personality Traits and Dating Violence – Study with Young Adults

Abstract

Personality factors and personality structure have emerged as significant variables in the occurrence of violence in dating relationships.

Starting from a literature review on Personality according to the Big Five Factor Model and on violence in dating relationships, this purpose of this study is to probe associations between the Agreeableness, Conscientiousness and Neuroticism traits and violence in dating.

The sample is composed of 275 young adults, aged between 18 and 25 years old, and attending college education in several Portuguese cities. The instruments employed were the Inventory of Spousal Violence (IVC; Machado, Matos, & Gonçalves, 2000), and International Personality Item Pool (IPIP BF50) that is translated for portuguese language (Oliveira, J. P., *s.d.*) and available for free use but is still in adaptation processe together with a sociodemographic questionnaire elaborated according to the aim of this research.

The results suggest a positive and significative association between Neuroticism and perpetration of violence in the dating relationship, as well as between the latter and a domain of neuroticism, the propensity to experience anger. They also disclose a negative and significant correlation between conscientiousness and perpetration of violence in intimate relationships.

In conclusion, this research allows to highlight the importance of some personality traits of the participants, which potentiate or inhibit the perpetration of aggressive acts within the romantic relationships in emerging adulthood.

Key Words: emerging adult, violence, violence in dating, personality, neuroticism, agreeableness, conscientiousness.

Agradecimentos

À minha família, mãe, pai e irmão Diogo, pelo apoio e força nas horas mais difíceis e por nunca deixarem de acreditar em mim.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria São João de Castilho Brêda pelo apoio e orientação facultada nesta investigação.

Ao Professor Doutor José Manuel Tomás da Silva, pela colaboração e disponibilidade.

À Professora Doutora Ana Paula Couceiro e ao Professor Doutor Jorge Joaquim Costa pela ajuda e oportunidade.

À Mariana, Babo, Carolina, Inês e Tânia pelos melhores anos da minha vida. Sem dúvida, do melhor que Coimbra me deu.

À Alexandra e Elodie, pela partilha de força e união. Foi um prazer partilhar este ano convosco.

À Inês Cunha, por toda a ajuda, foi sem dúvida a minha salvação.

Ao Tito, pela ajuda imprescindível e pela força.

À Joana, pelas horas em que me ouviu e por ter sempre aquela palavra que precisava de ouvir.

Ao David, por todo o apoio e força.

À minha madrinha Verónica, por me ter acolhido e estar sempre lá quando precisei.

Ao Júlio, por ser o melhor padrinho que Coimbra me podia dar.

À Maria, à Joana e ao André, por serem os melhores afilhados.

Ao “pessoal” de Ourém, pelo apoio.

À minha tia Carla, pelo ajuda e apoio que me forneceu.

À Beatriz Canelas, pela ajuda na recolha da amostra.

Aos estudantes que aceitaram participar nesta investigação.

A Coimbra, por tudo!

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Conceptual	2
1.1. Adulto Emergente	2
1.2. Violência nas Relações Amorosas	6
1.3. Personalidade segundo o Modelo dos Cinco Grandes Fatores	10
II. Objetivos e Hipóteses	15
III. Método	17
3.1. Amostra	17
3.2 Procedimentos	17
3.3 Instrumentos	18
IV. Resultados	20
4.1 Análise Descritiva	20
4.2 Análise Inferencial	22
V. Discussão	27
VI. Conclusão	31
Bibliografia	33
Anexos	39

Introdução

A adultez emergente compreende o período de vida dos sujeitos entre os 18 e os 25 anos de idade, aproximadamente, sendo considerada um período de exploração especialmente nas áreas do amor e do trabalho (Arnett, 2000; Arnett & Tanner, 2006). É um conceito criado recentemente, não sendo universal nem imutável mas sim construído culturalmente, predominando em países ditos industrializados (Arnett, 2000).

É assim, nesta etapa de vida que se formam as relações íntimas entre pares românticos, isto é ocorre partilha entre dois sujeitos, sendo que cada pessoa afeta e é afetada pelo comportamento da outra ao longo do tempo (Arnett & Tanner, 2006). No entanto, em determinados casos, não ocorre apenas a partilha de sentimentos positivos, existindo atos violentos no seio das relações íntimas (Reagan, 2011).

A violência no namoro pode então diferenciar-se em cinco formas, a violência física, que consiste em agressões físicas, tais como empurrar, bater, atirar objetos; a violência sexual, obrigar o parceiro a realizar atos sexuais contra a sua vontade; a violência verbal, onde ocorrem insultos, ameaças e humilhação de um parceiro para o outro; a violência psicológica, onde o parceiro parte ou estraga objetos do companheiro, controla a sua maneira de vestir e as suas ações, manipula através de ameaças e por fim, a violência social, onde ocorre um isolamento social, impedindo o parceiro de estabelecer contacto com os seus amigos e/ou familiares (Associação de Apoio à Vítima, 2016).

Um dos predisponentes para a ocorrência destes atos poderá ser a personalidade dos envolvidos na relação. Segundo o modelo dos Cinco Grandes Fatores, existem cinco grandes traços de personalidade, a Extroversão, Amabilidade (também designada agradabilidade), a Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência (Costa & McCrae, 1995).

Assim, esta investigação pretende estudar a existência de uma relação entre os diversos traços da personalidade segundo o modelo dos Cinco Grandes Fatores (nomeadamente a Amabilidade, Conscienciosidade e Neuroticismo) e a ocorrência de violência no seio das relações de namoro na adultez emergente, uma vez que os estudos sobre a população em questão são escassos.

Para tal, foi aplicado o inventário livre, International Personality Item Pool (IPIP BF50), (Oliveira, J. P., *s.d.*), o Inventário de Violência Conjugal, (IVC), (Machado et al., 2000) e um Questionário Sociodemográfico para obter informações pessoais dos sujeitos.

A estrutura deste estudo obedece à seguinte ordem: I) Enquadramento concetual, onde serão apresentados conceitos e teorias essenciais no âmbito dos constructos em estudo, designadamente a adultez emergente, a violência nas relações de namoro e por fim os traços da personalidade segundo o modelo dos Cinco Grandes Fatores; II) Objetivos e hipóteses da investigação; III) Método, procedimentos de investigação e procedimentos estatísticos, onde

serão descritos os instrumentos de avaliação, os procedimentos utilizados aquando da recolha de dados e os testes utilizados para a realização da análise estatística; IV) Apresentação e descrição dos resultados; V) Discussão dos resultados, tendo em conta a revisão de literatura; VI) Conclusões do estudo, onde serão condensadas as deduções primordiais da investigação, implicações teórico-práticas, limitações e algumas ideias para investigações posteriores.

I – Enquadramento conceptual

1.1 Adulto emergente

Segundo Arnett e Tanner (2006) a adultez emergente é considerada a idade de exploração, uma vez que é o período onde os sujeitos são mais suscetíveis de examinar várias possibilidades para a sua vida numa variedade de áreas, especialmente no amor e no trabalho. É, também, a etapa para o começo da tomada de decisões duradoras que irão definir as bases para as suas vidas adultas. Segundo os mesmos autores, adultez emergente é o termo usado para descrever indivíduos entre os 18 e os 25 anos de idade em sociedades industrializadas.

A criação deste conceito surgiu das vastas mudanças demográficas que ocorreram ao longo da metade do século passado que transformaram o período de idade mencionado não apenas como um breve período de transição para a vida adulta mas como um distinto período do curso de vida, caracterizado pela mudança e exploração de possíveis direções de vida. Esta etapa não é universal e imutável mas sim construída culturalmente. É um período que apenas existe em culturas que permitem a entrada na vida adulta, e nas suas consequentes responsabilidades, após um período de descoberta e exploração. Assim, normalmente, apenas ocorre em países industrializados ou pós-industrializados. Estes mesmos países requerem um elevado nível de educação e competências para a realização de profissões prestigiadas e lucrativas, deste modo, muitos dos jovens permanecem na escola até ao início e meio dos seus anos 20. O casamento e a parentalidade apenas ocorrem após o término da escolaridade, permitindo-lhes um período de exploração de várias relações antes do casamento e, também, uma exploração de vários empregos antes de tomarem a responsabilidade de suportarem financeiramente uma criança (Arnett, 2000).

Erikson (1968 citado por Arnett, 2000) distingue, contudo sem atribuir um nome, um período que em certa parte é a adolescência e por outro lado, também, a jovem adultez mas no entanto nenhuma das duas. Classificou como um período onde os compromissos e as responsabilidades de um adulto encontram-se “atrasadas” uma vez que tiveram início na adolescência no entanto, nesta fase, irão continuar a desenvolver-se e a intensificar-se. Segundo o autor esta é uma fase em que ocorre o conflito entre o estabelecimento de intimidade versus o sentimento de isolamento, sendo o *focus* do seu estudo a importância da ligação, da criação e formação de

relacionamentos dos jovens adultos. Segundo Erikson (1963 citado por Hamachek, 1990), o jovem adulto, que emerge da pesquisa e da insitência sobre a identidade, encontra-se disposto a fundir a sua identidade com a dos outros. Encontra-se disposto e preparado para a intimidade, que é, a capacidade de comprometer-se com afiliações e parcerias concretas e desenvolver uma solidez moral com o intuito de cumprir certos compromissos, mesmo assim podem necessitar de realizar certos compromissos.

Para Erikson (1963 citado por Hamachek, 1990), a verdadeira intimidade é a qualidade positiva do conflito do estágio seis do desenvolvimento psicossocial, intimidade versus isolamento, que inclui a capacidade de compromisso numa relação que conseqüentemente compreende um grau de sacrifício.

Já Levinson (*s.d.*) apelida as idades dos 17 aos 33 anos como a nova fase de desenvolvimento e defende que o seu objetivo é fornecer capacidades e competências ao sujeito de maneira a adaptar-se ao mundo adulto e construir uma estrutura de vida estável. Durante este processo, o jovem experiencia uma quantidade considerável de mudanças e instabilidade, enquanto passa por várias possibilidades no amor e no trabalho de maneira a estabelecer uma estrutura de vida estável (Arnett, 2000). Segundo o autor, é nesta fase da vida que ocorre a formulação do Sonho dos indivíduos, um mito pessoal, por vezes uma visão incipiente que fornece propósito e significado para a vida do indivíduo. A formação do sonho envolve a descoberta dentro de si como uma vaga sensação de pertença ao mundo adulto, uma possibilidade imaginativa que gera entusiasmo e vitalidade. O sonho encontra-se associado ao estabelecimento da aspiração vocacional, no entanto, Levinson (1978) também defende a formação de relações amorosas, nesta etapa desenvolvimental, com o “homem especial” ou a “mulher especial”, que desempenham um papel de suporte e partilha de esforços para a formação do sonho (Levinson, 1978).

Também Arnett (2000) defende que a adultez emergente é uma fase independente, situando-se entre a adolescência e a jovem adultez, sendo teoricamente e empiricamente diferente das anteriores mencionadas. A adultez emergente distingue-se pela independência relativa dos papéis sociais e das expectativas normativas. Nesta fase, já se espera que o sujeito tenha deixado a dependência predominante da infância e da adolescência mas ainda não tenha alcançado as responsabilidades duradouras que são normativas na idade adulta. Assim, para muitos adultos emergentes, esta é uma etapa da sua vida onde lhes é permitido explorar as várias possibilidades em temáticas, como o amor, o trabalho e a sua visão do mundo (Erikson, 1968; Rindfuss, 1991 citados por Arnett, 2000).

É difícil para os jovens sentirem que já alcançaram a adultez uma vez que eles não possuem uma residência estável, não acabaram os seus estudos, ainda não começaram a sua carreira profissional, casaram nem se encontram pelo menos numa relação romântica de longa duração (Arnett, 2000).

As características que mais importam, aos adultos emergentes, para

sentirem que atingiram a idade não são transições demográficas mas sim qualidades de caráter individual. Especificamente, em vários estudos realizados, os critérios para a transição para a idade têm sido a aceitação da responsabilidade, tomar decisões independentes, tornar-se financeiramente independente ou ser pai. Cumprindo estes requisitos, o adulto emergente considerar-se-á, então, uma pessoa autossuficiente (Arnett, 1998). Os aspectos referentes à formação da identidade começam a desenvolver-se na adolescência mas é apenas nesta etapa desenvolvimental que se espera a ocorrência de respostas a questões sobre amor, trabalho e ideologias ou visões do mundo (Arnett & Tanner, 2006). A formação da identidade envolve a tentativa de várias possibilidades de vida e a tomada de decisões duradouras (Arnett, 2000).

Em busca por um parceiro romântico de longa duração, os adultos emergentes inevitavelmente abordam questões de identidade, porque para saberem com que pessoa se querem comprometer, têm de saber que tipo de pessoa são, isto é, saber o que gostam e não gostam e como é que esperam que seja a rotina diária na sua vida adulta (Arnett & Tanner, 2006). É nesta fase que as explorações ao nível amoroso se tornam mais íntimas e sérias. O foco nas relações de namoro será menor na recreação e maior na exploração do potencial para a intimidade emocional e física. Os relacionamentos românticos são mais longos que na adolescência, é mais provável a ocorrência de relações sexuais, podem incluir coabitação e as explorações amorosas tendem a envolver um maior nível de intimidade (Arnett, 2000).

Tanto no amor como no trabalho, os objetivos da exploração da identidade na idade emergente não estabelecem uma ligação direta para a preparação dos papéis desempenhados na vida adulta. Antes pelo contrário, as explorações nesta etapa de vida são em parte explorações do seu próprio self e obtenção de uma ampla gama de experiências de vida antes de tomar duradouras e limitadas responsabilidades adultas (Arnett, 2000).

Laursen e Bukowski (1997) definem relacionamento como a interação entre o par de pessoas que são interdependentes um do outro, isto é, cada pessoa afeta e é afetada pelo comportamento da outra pessoa ao longo do tempo.

A área de estudos que se dedica a examinar os relacionamentos define o termo de relações próximas como a associação mais influente entre sujeitos, como por exemplo os melhores amigos, pais e irmãos, conjugues, namorados ou namoradas com quem habitam, e normalmente são diferenciados entre relações próximas subjetivas, também designadas por relações íntimas, e relações próximas comportamentais. As relações subjetivas ou íntimas, de maior interesse para o presente estudo, são caracterizadas por níveis elevados de proximidade, isto é, os parceiros sentem-se próximos, conectados ou ligados um ao outro. Estes elevados níveis formam-se devido ao autorrelato obtido entre os membros do casal (Reagan, 2011).

Segundo Hinde (1979, citado por Alferes, 2010), as relações podem ser caracterizadas pela interação entre dois sujeitos, em que a mesma é condicionada pelo passado e suscetível de influenciar o futuro. Esta interação

é vista como um padrão de acontecimentos, ocorrendo tanto a nível cognitivo, emocional ou da própria ação (Kelley et al., 1983).

Para que esta interação suceda é necessário a ocorrência de duas cadeias de acontecimentos, isto é, modificações comportamentais tanto de A para B como de B para A. Estas cadeias de acontecimentos são denominadas, pelos autores, de conexões causais, uma vez que é estabelecida uma relação direta entre ambas. As conexões estabelecidas entre os sujeitos, também denominadas de interconexões, ocorrem maioritariamente a partir da comunicação e da percepção interpessoal, isto é, ocorrem ao nível da observação, do som, do toque, entre outros (Kelley et al., 1983).

Estudos realizados por Brown (2004) mostram que pela idade dos 15 anos, a maioria dos indivíduos já se encontrou envolvido em pelo menos uma relação romântica, e pelos anos iniciais da adultez emergente, a maioria encontra-se numa relação romântica. Apesar das relações românticas inicialmente se basearem em princípios de intercâmbio social, o compromisso leva os participantes a transformarem a sua relação voluntária numa mais dependente e permanente (Laursen & Jensen-Campbell, 1999). Assim, muitos dos adultos emergentes casam e reproduzem-se, transformando a relação e negligenciando, em parte, as relações de amizade (Collins & Laursen, 2000, 2004 citados por Arnett & Tanner, 2006).

Também King e Chirstensen (1983 citado por Reagan, 2011) realizaram um estudo com o objetivo de identificar os eventos específicos que ocorrem num relacionamento, numa amostra de casais de estudantes universitários. Foram assim identificadas seis fases consecutivas no desenvolvimento de uma relação amorosa. Inicialmente, os parceiros expressam uma mútua atração e afeto, e começam a despende algum tempo juntos. Segundo, os parceiros e os membros do seu ambiente social começam a considerá-los como um “casal”. Terceiro, os membros expressam sentimentos de amor um pelo outro e é estabelecido um relacionamento exclusivo, isto é não entram, ou evitam entrar, em qualquer outra associação romântica e tomam a decisão de apenas comprometerem-se com o parceiro em questão. Quarto, começam a realizar expectativas para o seu relacionamento no futuro, como por exemplo irem viver juntos, e/ou tornarem-se noivos ou mesmo casar. Quinto, começam a coordenar o seu tempo, dinheiro e atividades a realizar, ou seja os mesmos interesses. Por fim, aceitam uma condição de compromisso, tal como noivado, coabitação ou casamento. Segundo Furman, Simon, Shaffer e Bouchey (2002), estas inter-relações próximas, tanto amorosas como com amigos, sustentam-se em aspetos como o suporte e o controlo. Amigos e parceiros românticos são os indivíduos com quem os adultos emergentes mais gostam de passar tempo e com quem mais querem estar quando se sentem em baixo.

Indivíduos nesta fase de vida assumem que necessitam de experienciar uma variada gama de relações pessoais, tanto amorosas como de amizade, pois ainda não se encontram preparados para estabelecer uma relação de compromisso. É de acordo com este facto que Arnett (2004) evidencia que a adultez emergente é um período de exploração com o objetivo

de determinar um bom equilíbrio entre o próprio self e os relacionamentos importantes. No entanto, as preocupações da formação de identidade aliadas à dificuldade de estabelecer um compromisso com as suas relações pessoais, podem influenciar o self-focus dos sujeitos. Erickson (1968, citado por Arnett & Tanner, 2006) afirmou que a resolução das preocupações associadas ao estabelecimento da identidade são um pré-requisito para a verdadeira intimidade com os outros, isto é, quando as preocupações da identidade permanecem, os indivíduos sentem-se entre o estatuto de adulto e não-adulto no que concerne ao comprometimento das relações. Consequentemente, como não atingiram a visão satisfatória de quem são e de com quem gostariam de estar, os adultos emergentes continuam à procura de novas oportunidades No que respeita às suas relações pessoais, as possibilidades envolvem a formação de novos relacionamentos, tanto românticos como amorosos, que lhes permitam a descoberta de novas opções para o futuro.

1.2 Violência nas Relações Amorosas

Descobertas baseadas nas interações que ocorrem ao nível das relações implicam que um aspeto que difere na adultez emergente, em comparação com a adolescência, pode ser o equilíbrio ténue entre proximidade e conflito. A proximidade é um termo utilizado para definir o grau em que os indivíduos afetam e são afetados uns pelos outros ao longo do tempo. O conflito, no que diz respeito às relações íntimas, é definido como discordância e evidente oposição comportamental (Laursen & Collins, 1994). Estes dados reforçam o facto de que as relações voluntárias, tais como amizade e relacionamentos amorosos, fornecem mais opções de resposta ao conflito, tais como sair do relacionamento, o que não se verifica nos relacionamentos involuntários, como a família. Consequentemente, os amigos e parceiros amorosos são mais motivados a alcançarem resoluções mutuamente aceitáveis dos conflitos, de maneira a preservarem a sua conexão (Arnett & Tanner, 2006).

No entanto, nem sempre se verifica a ocorrência de resolução de conflitos, surgindo assim situações de violência no seio das relações íntimas.

Segundo Regan (2011), a violência entre parceiros íntimos são os atos de agressão que ocorrem no seio das relações românticas, matrimoniais e entre amigos, representando uma questão profundamente problemática e perturbadoramente comum. Segundo a pesquisa de Hines e Malley-Morrison (2005 citados por Reagan, 2011), pequenos atos de agressão física como dar um estalo ou empurrar ocorrem em cerca de um terço dos namoros. Nos últimos 20 anos têm sido desenvolvidas investigações que mudaram o entendimento da violência no namoro, distinguindo-a em forma verbal, emocional, sexual e física. Anteriormente, os estudos focavam-se na fase da adolescência, onde começa a violência no namoro, no entanto estudos atuais mostram a prevalência de violência nas relações na adultez emergente e o abuso nas relações matrimoniais (Marcus, 2005).

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV (2016) a

violência no namoro é um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. Esta propõe a distinção de cinco formas de violência numa relação amorosa. A violência física consiste em agressões físicas, tais como empurrar, bater, atirar objetos. A violência sexual, obrigar o parceiro a realizar atos sexuais contra a sua vontade. Violência verbal, é aquela onde ocorrem insultos, ameaças e humilhação de um parceiro para o outro. Na violência psicológica, o parceiro parte ou estraga objetos do companheiro, controla a sua maneira de vestir e as suas ações, manipula através de ameaças de término do namoro. Por fim, a violência social é aquela onde ocorre um isolamento social, impedindo o parceiro de estabelecer contacto com os seus amigos e/ou familiares, por vezes existindo humilhação perante o seu grupo de pares.

As primeiras manifestações de violência nos relacionamentos, normalmente, são provocar ou insultar. Uma vez que no estabelecimento das relações amorosas, a maioria ainda se encontra a desenvolver os aspetos da sua personalidade, os indivíduos assumem esses comportamentos como normais. Mas estes comportamentos menos graves podem levar, no futuro, a formas sérias de violência como o abuso sexual ou a violência física (Bogeanu, 2014).

Segundo Manita, Ribeiro e Peixoto, (2009), a violência emocional e psicológica “consiste em desprezar, menosprezar, criticar, insultar ou humilhar a vítima, em privado ou em público, por palavras e/ou comportamentos” (p. 16). De maneira a conseguir os meios que pretende, o abusador utiliza estratégias de intimidação, coação e ameaça. Através da implementação destas estratégias a vítima mantém-se com medo do que o agressor poderá fazer contra si e/ou contra o seu grupo de pares, ou até mesmo os seus bens. Assim, o agressor mantém a vítima sob o seu domínio/controlo (Manita et al., 2009). Relativamente à violência física, Johnson, propôs quatro formas básicas de violência nas relações íntimas: violência situacional entre casais, violência separação-investigação, violência de controlo coercivo e resistência violenta. No entanto as que requerem uma maior atenção são a violência situacional entre casais e violência de controlo coercivo. A primeira, também chamada de violência comum no casal ou violência gerada pelo conflito, refere-se ao comportamento violento que surge, primeiramente, no contexto de conflito interpessoal (Kelly & Johnson, 2008). Este tipo de violência entre parceiros íntimos não é acompanhada pelo padrão crónico de coação, manipulação, e controle mas antes é associado à fraca gestão da raiva, défice nas capacidades de comunicação, ou estratégias de resolução de conflitos ineficientes de um ou de ambos os parceiros. Tipicamente, ocorre durante uma discussão mais severa onde um ou ambos os parceiros perdem o seu controle e impulsivamente utilizam os murros, a estalada ou outras ações físicas para resolver o conflito. Por causa desta perda do controlo são chamadas de situacionais, uma vez que apenas acontecem no momento e estão associadas àquela discussão em particular, acabando por resultar em formas de agressão física ligeiras e não ocorrem comumente na relação. A

Violência de controlo coercivo, também chamada de terrorismo íntimo ou violência doméstica, é o tipo de violência entre os parceiros íntimos que ocorre maioritariamente no seio do lar (Coker, Smith, McKeown, & King, 2000; Graham-Kevan & Archer, 2003; Johnson, 2006). Envolve violência física associada a intimidação emocional abusiva, coação e controlo (Kelly & Johnson, 2008). Normalmente, envolve um parceiro, o abusador, envolvido num persistente esforço de aterrorizar, manipular, amedrontar, magoar, humilhar, causar danos e por vezes dominar e controlar o seu parceiro, a vítima (Reagan, 2011).

Por vezes a agressão física entre parceiros que ocorre nas relações são de cariz sexual ou ocorrem concorrentemente com atos sexuais agressivos. Segundo Christopher (2001), existem duas formas de categorizar as agressões sexuais. A primeira, coerção sexual, envolve o uso de manipulação verbal ou psicológica, pressão, ou coação para realizar atos sexuais com o parceiro. Exemplos incluem suplicar, ameaçar acabar a relação, fazer a outra pessoa sentir-se culpada por não ter atos sexuais, e continuar a persistir, indo contra a vontade do parceiro. Coerção sexual não envolve atos de violência física ou o uso da força física. O segundo tipo é o *assalto sexual*, também denominado como abuso sexual. É considerada uma afirmação de poder direto de um parceiro para com o outro que inclui tanto obter contato sexual com ameaças, com o uso de força física ou obter contato sexual com o parceiro que se encontra incapacitado de responder, por exemplo devido a intoxicação ou falta de consciência. O abuso sexual pode, conseqüentemente, ser dividido em três formas distintas. Primeiramente, o estupro com espancamento, ocorre em contexto de coação e controlo da relação, isto é, a vítima experiencia sexo forçado com violência física e controlo coercivo. O segundo tipo é o estupro com uso de uma força singular. Normalmente não envolve violência física, o perpetrador geralmente não é abusador físico mas usa a força física para obter sexo. Nestas relações a intenção não é magoar, mas sim exercer dominância e controlo das interações sexuais do casal. Por fim, o menos comum, estupro obsessivo, este tipo é motivado pelo desejo sexual do sadismo de atormentar e maltratar o parceiro. Estes perpetradores são obsessivos em forçar os seus parceiros a envolverem-se em degradantes e dolorosos atos sexuais, enquanto tiram prazer da humilhação do seu parceiro, usando violência física para os atingir.

Uma outra forma de manifestação de violência, e bastante comum em adolescentes e jovens adultos, é manifestada através da tecnologia, utilizando telemóveis e a internet. Os abusadores querem saber, constantemente, onde os seus parceiros se encontram, especialmente quando não se encontram juntos. De forma a atingir esse fim utilizam métodos abusivos, tais como a violação da privacidade dos seus companheiros controlando as suas mensagens ou as contas privadas nas redes sociais. Este tipo de abuso pode ser definido como violência social e pode ocorrer em relações de curta duração ou de longa duração. Quando começa a ocorrer este tipo de abuso, a vítima muda o seu comportamento perante os seus pares, isolando-se devido ao excessivo controlo manifestado pelo seu parceiro. Este isolamento, conseqüentemente,

gera défices relacionais, criando dificuldade em estabelecer novas relações, tanto amorosas como de amizade. A vítima, geralmente, apresenta dificuldades em tornar-se emocionalmente independente para desenvolver os seus próprios valores e ideias e, caso se encontre na escola ou em alguma instituição de ensino, as suas classificações irão ser severamente prejudicadas, pois apresentará dificuldades de concentração. Ainda referente à violência social através da tecnologia, ocorre um envio excessivo de mensagens ao parceiro ou a criação de um post online de fotografias íntimas, sem consentimento da vítima (Bogeanu, 2014).

Segundo O'Leary e Williams (2006, citado por Reagan, 2011) e Straus e Ramirez (2007), os estudos revelam uma grande quantidade, e igualmente proporcional, de homens e mulheres envolvidos em situações de violência nos casais. Na investigação de Straus (2004), os autores inquiriram 800 estudantes de 31 universidades em diversos países do mundo, e encontraram resultados que revelaram graus variados dependendo do local. Braga, Portugal obteve o resultado mais baixo com 17% e Louisiana, US o resultado mais alto, 45%. Dos participantes inquiridos, 29 %, revelaram que se haviam envolvido em atos de violência física com o seu parceiro nos últimos 12 meses, sendo que a maioria dos ataques eram de relevância menor, como dar um estalo ou empurrar. No entanto, os resultados de violência grave, como dar murros, asfixiar, e atacar o parceiro com armas, continua a ser chocantemente alto, 9%.

Nos estudos de McNully e Hellmuth (2008), cerca de 36% dos casais afirmaram ter experienciado pelo menos um ato de violência física para com o seu parceiro durante os 12 meses anteriores. A perpetração de violência decorre tanto por membros do sexo masculino como por elementos do sexo feminino, diferenciando-se apenas na severidade da violência que usam. O psicólogo John Archer (2002) conclui que as mulheres em comparação com os homens, praticam mais atos de violência física de severidade menor, como bater com um objeto no parceiro, dar um estalo, dar pontapés e murros. Os homens cometem mais atos de violência de maior severidade como dar uma sova, asfixiar, e usar facas e armas. Outra conclusão de estudos realizados, foi que os homens tem mais propensão de continuar a agredir o parceiro, e que as mulheres são mais propensas a sofrer danos físicos como resultado da agressão do comportamento agressivos dos seus parceiros. Assim, conclui-se que a violência é comum ocorrer em situações de relações íntimas e é cometida, por uma proporção semelhante, por ambos os sexos (Reagan, 2011).

Pode-se concluir ainda que a violência no namoro surge em idades bastante precoces, e é um problema que afeta todo o tipo de grupos raciais ou étnicos, com maior prevalência sobre algumas minorias (Reagan, 2011).

Nas relações de namoro no início dos anos adultos ocorre um aumento da agressão com o aumento da duração e da seriedade da relação, mostrando que a agressão é menos comum em casais onde existe um grande sentimento positivo, intimidade emocional e empatia (Marcus, 2005).

Estudos relativos à qualidade da relação classificaram a dinâmica das relações heterossexuais como relativamente abertas e fechadas. Relações que

são sistematicamente abertas, e caracterizadas pela predominância de sentimentos positivos, como o afeto positivo, a empatia e a intimidade, são menos vulneráveis à existência de agressão. Relações que são relativamente fechadas, caracterizadas pela predominância de sentimentos negativos, como o ciúme, a raiva, o afeto negativo e a ansiedade, são mais vulneráveis a agressões (Reagan, 2011).

1.3 Personalidade segundo o Modelo dos Cinco Grandes Fatores

Segundo Rebollo e Harris (2006), a personalidade caracteriza-se por “padrões de comportamento e atitudes que são típicas de um determinado indivíduo, de forma que os traços de personalidade diferenciam de indivíduo para indivíduo, sendo, no entanto, relativamente constantes e estáveis em cada pessoa” (p.51). Já de acordo com Allport (1966), a personalidade é "a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam o seu comportamento e os seus pensamentos característicos" (página 51, citado por Silva & Nakano, 2011).

Muitas são as teorias relativas à personalidade, pelo que não se pode afirmar que uma esteja certa e a outra errada. Assim, as teorias encontram-se agrupadas em quatro famílias. As teorias psicanalíticas têm como base os motivos inconscientes e os conflitos intrapsíquicos. Outras teorias enfatizam o processo de aprendizagem ou a base aprendida das tendências de resposta. As teorias experienciais abordam o modo como os sujeitos percebem a realidade e experienciam o mundo. Por fim, as teorias estruturais enfatizam as tendências comportamentais dos diferentes indivíduos (Hall, Lindzey, & Campbell, 2000).

O modelo dos cinco grandes fatores da personalidade encontra-se inserido na família das teorias estruturais e apresenta como base teórica a psicologia dos traços. Segundo McCrae e Costa (1990), a Psicologia dos Traços é definida como “ a dimensão das diferenças individuais com tendência a mostrar padrões consistentes de pensamentos, sentimentos e ações” (p. 235). Assim, podemos denominar a estrutura da personalidade como um padrão de covariância de traços numa população. O termo traço pode ser definido em termos gerais como referindo-se a habilidades cognitivas, características físicas e sintomas psiquiátricos discretos, como os tiques (Costa & McCrae, 1995).

O modelo abordado provém de duas diferentes tradições. A primeira foi desenvolvida essencialmente por Goldberg (1992, 1993), e adota a terminologia Grandes Cinco, enquanto a segunda utiliza o termo Modelo dos Cinco Fatores, tendo como principais pesquisadores Costa e McCrae (1992, 1995). Atualmente é um dos modelos principais para a explicação da personalidade humana, definindo-a como uma rede hierárquica de traços, compreendidos teoricamente como predisposições comportamentais de resposta às situações da vida (Trentini et al., 2009). Como mencionado, as dimensões dos traços de personalidade podem ser categorizadas numa hierarquia, isto é cada traço principal, abrangente de muitos traços

relacionados, encontra-se perto do topo da hierarquia enquanto os padrões mais específicos do comportamento e da experiência apresentam-se localizados na área inferior da mesma, denominando-se de facetas (DeYoung, Quilty, & Peterson, 2007). Assim, assenta em cinco traços de personalidade: Neuroticismo (N), Extroversão (E), Abertura à experiência (O), Amabilidade, por vezes, também designada por agradabilidade (A) e a Conscienciosidade (C) (Silva & Nakano, 2011), sendo que cada traço da personalidade apresenta seis facetas, trinta no total, de maneira a possibilitar uma análise mais detalhada do comportamento humano (Jang, Livesley, & Vernon, 1996).

O Neuroticismo refere-se ao nível crónico de ajustamento e instabilidade emocional. Níveis elevados de Neuroticismo caracterizam indivíduos propícios a stress psicológico, que apresentam ideias irrealistas, ansiedade excessiva ou dificuldade em tolerar a frustração quando não alcançam o que pretendem, estratégias de coping mal adaptativas (Costa & Widiger, 1994) e normalmente são inseguros nas suas relações (Holland & Roisman, 2008). Este traço inclui como facetas a ansiedade, raiva/hostilidade, depressão, autoconsciência, impulsividade e vulnerabilidade (Costa & Widiger, 1994). Segundo Digman (1996 citado por Gomes & Golino, 2011), todos os traços apresentam duas polaridades sendo que este apresenta num polo a estabilidade e no outro o neuroticismo.

A Extroversão refere-se à quantidade e intensidade das relações interpessoais, nível de atividade, necessidade de estimulação, e capacidade de diversão (Costa & Widinger, 1994). Os dois polos serão então a extroversão e a introversão (Gomes & Golino, 2011). Indivíduos que apresentam um nível elevado de Extroversão tendem a ser sociáveis, ativos, falam com facilidade, são otimistas, divertidos, e afáveis, enquanto sujeitos que apresentam baixos níveis de Extroversão tendem a ser reservados, indiferentes, independentes e falam pouco. Indivíduos introvertidos não são infelizes ou pessoas pessimistas, apenas não necessitam de tanta dependência no contacto social como os extrovertidos (Costa & Widinger, 1994). As facetas referentes ao traço são o acolhimento caloroso, gregariedade, assertividade, atividade, procura de excitação e emoções positivas (Jang et al., 1996).

A Abertura à experiência envolve a busca ativa e a apreciação das experiências. Indivíduos com níveis elevados de O são curiosos, imaginativos, e estão dispostos a desenvolver novas ideias e valores; estes experienciam mais vivamente as suas emoções em comparação com os indivíduos mais fechados (Costa & Widinger, 1994). Contrariamente, indivíduos com níveis baixos de O tendem a ser convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadores em seus gostos, dogmáticos e rígidos em relação às suas crenças. Assim, um dos polos compreende a convencionalidade, e o outro polo a abertura (Gomes & Golino, 2011). A Abertura à experiência é composta pelas facetas fantasia, estética, sentimentos, ações, ideias e valores (Jang et al., 1996).

A Amabilidade refere-se aos tipos de interações que uma pessoa prefere num contínuo entre a compaixão e o antagonismo. Sujeitos com elevados níveis de Amabilidade tendem a ser “corações moles”, de confiança,

fornecem ajuda aos outros, indulgentes, e altruístas. Sempre preparados a ajudar os outros, tendem a ser responsivos, empáticos e acreditam que os outros também querem e irão agir do mesmo modo. Por outro lado, indivíduos com níveis baixos de Amabilidade tendem a ser cínicos, rudes, duvidosos, pouco cooperantes, irritáveis e podem ser manipuladores, vingativos e cruéis (Costa & Widinger, 1994). As suas facetas são compostas pela confiança, retidão, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade (Jang et al., 1996).

Por fim, a Conscienciosidade aborda o nível de organização, persistência, controlo, e motivação de maneira a alcançarem os seus objetivos. Pessoas que apresentam elevado nível de Conscienciosidade tendem a ser organizadas, confiáveis, trabalhadoras, focadas, pontuais, minuciosas, ambiciosas e persistentes, enquanto sujeitos com níveis inferiores não apresentam grandes objetivos de vida, não são de confiança, tendem a ser preguiçosos e negligentes (Costa & Widinger, 1994). A competência, ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e deliberação são as facetas referentes a este traço da personalidade (Jang et al., 1996).

Como qualquer modelo, também o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade tem sofrido críticas e propostas alternativas. DeYoung et al. (2007), defendem a existência de fatores intermédios entre os cinco traços principais e as facetas referentes a cada um dos mesmos. Assim, cada um dos cinco grandes domínios parece potencialmente divisível em dois subdomínios com fontes biológicas distintas (DeYoung et al., 2007).

No traço do neuroticismo ocorre a divisão entre Volatilidade e Suspensão. No domínio da Volatilidade predominam as sensações de raiva e hostilidade, de maior interesse para o presente estudo, enquanto no domínio Suspensão se situam as facetas de Ansiedade e Depressão (DeYoung et al., 2007).

O traço da extroversão pode ser então dividido entre o domínio agência e sociabilidade ou afiliação, sendo que agência reflete o domínio social e o prazer na tomada de papéis de liderança, a assertividade, o exibicionismo, e uma sensação subjetiva de potência na realização das metas enquanto a sociabilidade ou afiliação reflete o prazer e o valor obtido através do estabelecimento de relações íntimas com outros sujeitos (Depue & Collins, 1999).

O traço abertura à experiência apresenta como domínios Abertura e Intelecto. No domínio da Abertura encontram-se as facetas Fantasia, Estética e Sentimentos correlacionadas com a inteligência cristalina, enquanto no domínio Intelecto encontra-se a faceta Ideias, correlacionada com a inteligência fluída e a memória do trabalho (DeYoung et al., 2007).

O traço amabilidade pode ser dividido entre Simplicidade, predominado pela cooperação e Modéstia, representado pela modéstia (DeYoung et al., 2007).

Por fim, o traço Conscienciosidade divide-se entre o domínio Diligência e Ordem (DeYoung et al., 2007). A Diligência refere-se ao cuidado e dedicação na realização de uma tarefa enquanto Ordem refere-se ao planeamento e realização de uma determinada tarefa e/ou ação (Roberts,

Wood, & Smith, 2005).

Estudos têm examinado a correlação entre os traços da personalidade e o nível de satisfação nas relações em casais de namorados, noivado e casamento através do autorrelato obtido por parte dos participantes (Holland & Roisman, 2008). Visto que o presente estudo enfoca-se no estabelecimento das relações de namoro, apenas irão ser apresentados estudos referentes à temática abordada.

Segundo Caughlin, Huston e Houts (2000); Robins, Caspi e Moffitt (2002); Watson, Hubbard e Wiese (2000 citados por Holland & Roisman, 2008), níveis baixos dos traços negativos da personalidade, como o neuroticismo, encontram-se associados com autorrelatos positivos da qualidade e satisfação das relações; e Gattis, Berns, Simpson e Christensen, (2004 citados por Holland & Roisman, 2008), verificaram no seu estudo que o neuroticismo se encontrava significante alto numa amostra de casais stressados em comparação com uma amostra de casais mais relaxados (Holland & Roisman, 2008). Consequentemente torna-se claro que a presença de indivíduos neuróticos numa relação romântica apresenta implicações importantes no autorrelato da qualidade e satisfação da relação. No entanto, em casais com uma relação de casamento já foi encontrada uma relação no sentido inverso.

Contrariamente, a emocionalidade positiva e outros traços da personalidade positivos estão associados com o autorrelato da qualidade da relação. Robins et al. (2002 citados por Holland & Roisman, 2008) concluíram que a emocionalidade positiva se encontrava relacionada com autorrelatos elevados da qualidade da relação e ainda com níveis baixos de autorrelatos negativos da satisfação da relação. De igual modo, Watson et al. (2000 citados por Holland & Roisman, 2008), na sua amostra com casais de namorados, concluíram que os traços da personalidade como a conscienciosidade e a amabilidade estavam associados positivamente com a satisfação na relação e com a satisfação de ambos os membros do casal, tanto homens como mulheres (Holland & Roisman, 2008).

Segundo Prager (1995), as características da personalidade, como o neuroticismo, a abertura à experiência (Shaver & Brennan, 1992 citado por Barelds, 2005), a empatia (Davis & Oathout, 1992 citado por Barelds, 2005), e a autoestima (Hendrick, Hendrick, & Adler, 1988 citado por Barelds, 2005), são fatores importantes não só na escolha do parceiro romântico, como na formação e manutenção de um relacionamento íntimo (Barelds, 2005). Indivíduos neuróticos experienciam maiores níveis de stress (Bolger & Schilling, 1991), e apresentam maiores dificuldades em adaptar-se a dificuldades individuais e no seio das relações íntimas (Karney & Bradbury, 1995), enquanto indivíduos extrovertidos experienciam níveis mais baixos de stress, e apresentam maior facilidade na resolução de problemas que surgem na relação (Hemenover, 2001 citado por Barelds, 2005).

Relativamente à presença de violência nas relações de namoro, estudos têm vindo a identificar alguns traços associados, nomeadamente a Amabilidade e a Conscienciosidade, que se relacionam negativamente com o

comportamento antissocial e com a agressividade (Miller, Lynam, & Jones, 2008 citados por Carvalho & Novo, 2012), mas também uma conjugação de Neuroticismo e Amabilidade. Relativamente à Conscienciosidade, esta é considerada um preditor da agressividade e de comportamentos antissociais, com o qual se correlaciona negativamente, através da sua faceta Deliberação. Segundo Costa e McCrae (1992 citados por Carvalho e Novo, 2012), esta faceta envolve a “capacidade individual de pensar cuidadosamente antes de agir”, (p.65), o que contribui para a conservação da importância do controlo dos impulsos como uma característica importante para a compreensão dos problemas antissociais e da agressão (Carvalho & Novo, 2012). Este traço da personalidade encontra-se, então, associado negativamente com a perpetração de violência.

Segundo Ode, Robinson e Wilkowski (2008), a raiva e a agressão encontram-se associadas com os traços da personalidade da Amabilidade, neste caso o seu polo inverso, e do Neuroticismo. À luz da teoria da autorregulação, cada um dos traços encontra-se relacionado com a violência de um determinado modo, isto é, a amabilidade atua inibindo a agressão e a violência, enquanto, pelo contrário o traço neuroticismo potencia os mesmos atos. Além desta correlação observada, os autores concluíram que o neuroticismo e a amabilidade interagem um com o outro, de tal modo que os níveis mais elevados de raiva e agressividade foram observados em indivíduos com níveis elevados de neuroticismo e baixa amabilidade. Os resultados observados predizem ainda que a amabilidade desempenha um papel importante na autorregulação do afeto negativo. De acordo com Watson e Clark (1984 citados por Ode et al., 2008), indivíduos com níveis elevados de neuroticismo reportam mais emoções negativas tais como raiva, ansiedade, tristeza e culpa. Esta ligação do Neuroticismo com a raiva e a agressão resulta do facto de indivíduos neuróticos apresentarem níveis elevados de irritação e aborrecimento, assim como menos estratégias para lidar funcionalmente ou eficazmente com as situações stressantes, incluindo conflitos interpessoais (Bolger & Schilling, 1991; Bolger & Zuckerman, 1995).

No que concerne à Amabilidade, Graziano e Tobin (2002 citado por Ode et al., 2008) afirmam que indivíduos amáveis são motivados a evitar emoções como a raiva, que podem levar a conflitos interpessoais. Segundo a perspectiva do autor, ser um indivíduo com elevados níveis de amabilidade significa possuir competências e habilidades relacionadas com a supressão de sentimentos e tendências de respostas hostis, antes que as mesmas surjam.

II - Objetivos e Hipóteses

Com a presente investigação, pretende-se essencialmente analisar a ocorrência de violência no seio das relações de namoro à luz da relação com certos traços da personalidade de cada indivíduo. De um modo mais particular, pretende-se contribuir para a clarificação dos seguintes objetivos:

1. Examinar a relação entre a duração do relacionamento atual e a tendência para a ocorrência de comportamentos abusivos.
2. Examinar a existência de diferenças de género ao nível dos comportamentos abusivos.
3. Estudar a associação entre certos fatores de personalidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores e a ocorrência de violência nas relações íntimas.

Objetivo 1: Estudar numa abordagem exploratória o perfil de violência no namoro em função da duração da relação, o que será feito para a relação atual. O objetivo é de natureza exploratória, uma vez que não há conhecimento prévio que suporte uma hipótese de uma direção desta relação.

Objetivo 2: Examinar a relação entre o género e a tendência para praticar comportamentos abusivos. De acordo com os resultados de vários estudos sobre a prevalência de violência nas relações íntimas, conclui-se que ocorre com bastante frequência. A perpetração de violência decorre tanto por membros do sexo masculino como por elementos do sexo feminino, diferenciando-se apenas na severidade da violência, sendo que as mulheres realizam níveis mais ligeiros comparativamente com os homens que praticam atos mais graves de violência (Reagan, 2011).

Hipótese 2: Existem diferenças entre sexos na ocorrência de violência nas relações de namoro passadas, em que o sexo feminino apresentará menos atos de violência severa, e mais atos de violência ligeira, comparativamente com o sexo masculino.

Objetivo 3: Relacionadas com este objetivo, é possível enunciar cinco hipóteses concorrentes:

Hipótese 3a: Em termos de associação/correlação entre neuroticismo e perpetração de violência, quanto maior for o score de neuroticismo, maior será o score de violência.

De acordo com Watson e Clark (1984 citados por Ode et al., 2008), indivíduos com níveis elevados de neuroticismo reportam mais emoções negativas tais como raiva, ansiedade, tristeza e culpa. Esta ligação do Neuroticismo com a raiva e a agressão resulta do facto de indivíduos neuróticos apresentarem níveis elevados de irritação e aborrecimento (Watson, 2000 citado por Ode et al., 2008).

Hipótese 3a1: Analisando a associação entre neuroticismo e a perpetração de violência apenas no grupo referente que praticou violência na

relação, espera-se se obter um resultado idêntico ao da *hipótese 3a*.

Hipótese 3b: Uma vez que uma das facetas do traço Neuroticismo corresponde à raiva, pretende-se estudar a associação entre esta faceta e a ocorrência de violência. Assim, em termos de associação/correlação entre a faceta da raiva e perpetração de violência, quanto maior for o score da raiva, maior será o score de violência.

Hipótese 3b1: Analisando a correlação mencionada na *hipótese 3b*, apenas com o grupo de sujeitos que praticou violência, espera-se obter um resultado idêntico.

Hipótese 3c: Existirá associação entre amabilidade e ocorrência de violência, no sentido de quanto maior for o score de amabilidade, menor será o score de ocorrência de violência.

Segundo Ode et al. (2008) o traço da amabilidade atua inibindo a agressão e a violência. Graziano e Tobin, (2002 citado por Ode et al.,2008) com base na teoria da autorregulação, afirmam que indivíduos amáveis são motivados a evitar emoções como a raiva, que podem levar a conflitos interpessoais.

Hipótese 3c1: Idêntica associação é esperada no grupo de sujeitos que perpetrou violência na relação.

Hipótese 3d: Existe associação entre conscienciosidade e perpetração de violência, no sentido de quanto maior for o score de conscienciosidade menor será o score de ocorrência de violência.

A Conscienciosidade é considerada um preditor da agressividade e de comportamentos antissociais, através da sua faceta Deliberação. Segundo Costa e McCrae (1992 citado por Carvalho & Novo, 2012), esta faceta envolve a “capacidade individual de pensar cuidadosamente antes de agir”, o que contribui para a conservação da importância do controlo dos impulsos como uma característica importante para a compreensão dos problemas antissociais e da agressão.

Hipótese 3d1: Uma correlação idêntica é esperada restringindo-se a análise apenas ao grupo de inquiridos que praticou violência.

Hipótese 3e: Uma vez que uma das facetas do traço Conscienciosidade corresponde à autodisciplina, pretende-se estudar a associação entre esta faceta e a ocorrência de violência. Assim, existe associação entre a faceta autodisciplina e perpetração de violência, no sentido de quanto maior for o score da faceta autodisciplina menor será o score de ocorrência de violência.

Hipótese 3e1: Associação entre a faceta Autodisciplina e a perpetração de violência no grupo que executou violência será similar.

III - Método

3.1 Amostra

No presente estudo participaram 301 indivíduos (96 homens e 205 mulheres) com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos de idade ($M=22,30$, $DP=2,65$). Trata-se de uma amostra de conveniência obtida através de contactos pessoais dos investigadores.

Uma vez que o estudo incidia na população de adultos emergentes, retiraram-se da análise os questionários de dezanove sujeitos por serem indivíduos com idade superior a 25 anos de idade, e de outros cinco por serem indivíduos que nunca tiveram uma relação amorosa. Foram ainda retirados dois questionários por apresentarem um padrão de resposta, (e.g. responder ordenadamente “1,2,3,4,5”) e ainda o não preenchimento da última escala do protocolo.

A amostra final ficou com um total de 275 sujeitos, dos quais 194 são do sexo feminino (70,5%) e 81 do sexo masculino (29,5%) (cf. Tabela 1).

TABELA 1. Composição da amostra por sexo (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Feminino	194	70,5%
Masculino	81	29,5%
Total	275	100%

As idades são então compreendidas entre os 18 e os 25 anos de idade, sendo a média de 21,83 anos ($DP=1,64$) (cf. Tabela 2).

TABELA 2. Caracterização da amostra em idade (mínimo, máximo e média)

	Mínimo	Máximo	Média
Idade	18	25	21,83

3.2 Procedimento

Nos meses de abril e maio procedeu-se à administração e recolha dos protocolos, através do pedido de colaboração a vários estudantes universitários com o objetivo de adquirir uma grande variedade de estudantes de vários cursos superiores. A administração foi realizada nas cidades de Coimbra, Ourém, Alcobaça, Lisboa e Évora, com apoio de contactos realizados com amigos e familiares. O preenchimento do protocolo tinha uma duração entre 15 a 20 minutos.

Os participantes foram informados do objetivo do estudo assim como dos seus direitos. A participação era voluntária. Foram, também, informados de que se tratava de um estudo confidencial em que era garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados. No surgimento de dúvidas por parte dos participantes, encontrámo-nos preparados para o esclarecimento das mesmas, de maneira a obter resultados os mais fiáveis possível. A ordem das escalas administradas foi previamente definida de forma a não enviesar os resultados

nos inventários que se seguiam.

A análise dos dados foi feita com recurso ao *software* IBM SPSS *Statistics (Statistical Package for the Social Sciences)*, versão 22.

No IVC, os dados foram primeiro sintetizados num score de soma das pontuações aos itens, as quais variavam entre 0 e 2 (0_ nunca fiz; 1_ fiz uma vez; 2_ fiz mais do que uma vez) na tentativa de obter um indicador de intensidade da violência, embora imperfeito. Este indicador é imperfeito porque concede o mesmo peso a um ato de baixo grau de violência (por exemplo, partir um objeto) e um de alta violência (por exemplo, gritar, ameaçar, insultar, etc). Estes dados, neste score, apresentam uma grande assimetria, uma vez que uma larga percentagem dos jovens inquiridos apresentava uma pontuação de zero quer de perpetração, quer de vitimização neste inventário. Como se verifica na tabela 3, apenas 25% da amostra total apresenta um *score* superior a 0 no que concerne à perpetração de violência.

TABELA 3. Resposta de perpetração de violência nas relações _score no IV (percentis)

	Percentis						
	5	10	25	50	75	90	95
Perpetração de violência nas relações amorosas	0	0	0	0	1	3	7

Relativamente ao inventário de personalidade, IPIP BF50, foram também calculados os scores referentes a cada traço da personalidade.

As análises consistiram em comparações de médias de uma variável contínua entre grupos definidos por uma variável nominal, procedendo-se à análise com o teste *t de student* para amostras independentes (Martins, 2011).

Foi também usado o coeficiente de correlação de *Pearson*, para estudar a existência e direção da relação entre duas variáveis contínuas (Martins, 2011).

3.3 Instrumentos

O **Questionário Sociodemográfico**, desenvolvido para a presente investigação, é composto de questões sobre dados demográficos do participante assim como da sua relação amorosa atual e/ou passadas. Encontra-se dividido em 3 secções, a primeira relativa a informações demográficas e da relação familiar do participante, a segunda secção visa obter dados relativos a relações amorosas e por fim, numa terceira parte serão abordadas questões relativas à perpetração e/ou vitimização de situações de violência assim como problemas resultantes das relações amorosas.

Visto tratar-se de uma participação voluntária e confidencial, apenas é questionada a idade, o sexo e o estado civil do participante. Uma vez que apenas foram inquiridos estudantes universitários, ocorre um questionamento relativo à instituição de ensino que frequenta (universidade ou politécnico), o tipo e o estatuto de estudante que possui, o curso e o ano que frequenta e por

fim qual o financiamento dos seus estudos. Nas questões acerca da relação familiar, é inquirido ao estudante com quem vive durante o período de aulas, a frequência com que contacta a família de origem e a regularidade com que vai passar o fim-de-semana á casa dos seus pais. Os dados obtidos não foram utilizados na presente investigação.

Numa secção sobre as relações amorosas do sujeito, tanto relação atual como relações passadas, questiona-se o número de relações amorosas com duração superior a três meses e, caso apresente uma relação atual, é inquirida a duração do relacionamento e a idade, o sexo, a situação académica e/ou profissional e as habilitações do companheiro.

Por fim, na terceira secção do questionário pretende-se apurar informações relativas à perpetração e/ou vitimização de situações de violência sob o efeito de álcool ou drogas e ainda em relacionamentos românticos. Solicita-se, ainda, aos participantes que respondam quais os problemas vivenciados em consequência de uma relação amorosa.

Descrevem-se em seguida os principais dados deste questionário. Quanto ao número de relações amorosas com duração superior a três meses, os números apontados variam entre zero e nove relações amorosas, sendo a média 2,18 (DP=1,29) (cf. Tabela 4).

TABELA 4. Número de relações tidas pelos sujeitos (mínimo, máximo e média)

	Mínimo	Máximo	Média
Número de relações	0	9	2,18

Dos 275 sujeitos que compõem a amostra, 164 apresentam uma relação atual. A duração dos relacionamentos atuais variava entre 1 mês e 106 meses (8 anos, 10 meses) com média de 27,77 (DP=24,16) (cf. Tabela 5).

TABELA 5. Duração do relacionamento atual em meses (mínimo, máximo e média)

	N	Mínimo	Máximo	Média
Duração do relacionamento atual	164	1	106	27,77

Por fim, os sujeitos foram questionados se haviam sido alvos de comportamento agressivo numa relação amorosa ou se já haviam exercido violência no mesmo contexto: 58 sujeitos reportaram ter sido alvos (21,1%) enquanto 213 responderam que nunca haviam sido vítimas (77,5%) (cf. Tabela 6); 36 participantes afirmam já ter sido agressores (13,1%), em contraponto com 235, que afirmaram nunca ter exercido violência numa relação romântica (85,5%) (cf. Tabela 7).

TABELA 6. Frequência de relato de ter sido alvo de comportamentos agressivos numa relação amorosa (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Sim	58	21%
Não	213	77,5%
Ausente	4	1,5%

TABELA 7. Frequência de relato de ter sido perpetrador de comportamentos agressivos numa relação amorosa (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Sim	36	13%
Não	235	85,5%
Ausente	4	1,5%

O **Inventário de Violência Conjugal (IVC)** permite identificar a vitimização e/ou perpetração de comportamentos abusivos, em relações de tipo conjugal (Machado et al., 2000). Tem como objetivo determinar a existência assim como a frequência de comportamentos abusivos podendo eles ser de natureza física, emocional e/ou de intimidação. É um instrumento construído e aferido para a população portuguesa. A escala é constituída por duas partes, A e B, ambas com 21 itens, sendo que a parte A determina comportamentos abusivos na relação atual e a parte B, também, comportamentos abusivos mas nas relações anteriores.

Com a administração do protocolo é possível identificar se o sujeito já foi ou é atualmente agressor ou vítima numa relação amorosa. Uma vez que para cada item é necessário referir se já praticou ou já sofreu a ação em causa.

O **International Personality Item Pool (IPIP BF50)** (Goldberg, 1999) permite o estudo dos cinco traços da Personalidade, tratando-se de um instrumento de uso livre. A escala comporta 50 itens avaliados através de uma escala de resposta de Likert de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente). A versão portuguesa foi traduzida pelo Professor Doutor João Oliveira, Professor de Psicologia na Universidade Lusófona de Lisboa (Oliveira, J. P., *s.d.*).

É composto por adjetivos descritivos de traços, em cujas autodescrições se revelou a existência de 5 grandes fatores, os traços de Personalidade, denominados no questionário de Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Abertura à Experiência e Neuroticismo.

Foi realizada uma adaptação do inventário, uma vez que em estudos anteriores a consistência interna das dimensões foi apenas considerada boa. Com o intuito de verificar uma alteração dos valores, ocorreu uma reformulação de certos itens do IPIP BF50 versão portuguesa.

IV - Resultados

4.1 Análise Descritiva

Relativamente ao inventário IVC, a perpetração de violência na relação atual obteve uma média de .86 (DP=3.03) e a pontuação varia entre 0 (mínimo) e 34 (máximo), enquanto a perpetração de violência nas relações passadas apresenta uma média de 1.14 (DP=2.86) com uma pontuação mínima de 0 e máxima de 22.

No que concerne ao IPIP BF50 foram realizadas análise descritivas

referentes a cada um dos traços globais de personalidade. Relativamente ao traço Extroversão foi obtida uma média de 32.34 (DP= 4.96), variando a pontuação entre 14 (mínimo) e 46 (máximo), o traço Amabilidade obteve uma média de 38.93 (DP= 4.89) e a pontuação varia entre 20 (mínimo) e 50 (máximo), o traço Conscienciosidade apresenta uma média de 35.91 (DP= 6.14) com a pontuação mínima de 20 e máxima de 84, o traço Neuroticismo obteve uma média de 30.21 (DP= 7.28) e a sua pontuação varia de 14 (mínimo) e 64 (máximo), por fim o traço Abertura à Experiência apresenta uma média de 36.34 (DP= 4.94) e varia de 22 (mínimo) e 49 (máximo).

TABELA 8. Médias e Desvios-Padrão das variáveis em estudo (escalas IVC e IPIP BF50)

	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Perpetração de Violência na relação atual	165	.86	3.03	0	34
Perpetração de Violência nas relações passadas	272	1.14	2.86	0	22
Extroversão	275	32.34	4.96	14	46
Amabilidade	275	38.93	4.89	20	50
Conscienciosidade	274	35.91	6.14	20	84
Neuroticismo	275	30,21	7.28	14	64
Abertura à Experiência	274	36.34	4.94	22	49

Os instrumentos de avaliação utilizados neste estudo apresentam níveis de consistência interna entre bons e satisfatórios para os scores globais, atendendo aos valores alfa de Cronbach. Para a escala IVC: .893 para a perpetração de violência na relação atual e .835 para a perpetração de violência nas relações passadas (cf. Tabela 9).

Relativamente ao inventário IPIP BF50 foram obtidos os seguintes alfas de Cronbach: .718 para o fator de Extroversão, .796 para o fator da Amabilidade, .630 para o fator de Conscienciosidade, .829 para o fator Neuroticismo e .793 para o fator Abertura à Experiência (cf. Tabela 10).

As consistências internas foram avaliadas segundo a classificação de Pestana & Gageiro (2008), que consideram que um alfa de Cronbach de valor inferior a .60 é inadmissível, entre .60 e .70 é fraco, entre .70 e .80 é razoável, entre .80 e .90 é bom e entre .90 e 1 é muito bom (Martins, 2011).

TABELA 9. Consistência Interna: IVC

Dimensões	Alfa de Cronbach
Perpetração de Violência na relação atual	.893
Perpetração de Violência nas relações passadas	.835

TABELA 10. Consistência Interna: IPIP BF50

Dimensões	Alfa de Cronbach	(Pedroso, 2014)
Extroversão	.718	.811
Amabilidade	.796	.655
Conscienciosidade	.630	.755
Neuroticismo	.829	.674
Abertura à Experiência	.793	.742

4.2 Análise Inferencial

Objetivo 1: Estudar numa abordagem exploratória o perfil de violência no namoro em função da duração da relação, o que será feito para a relação atual.

De maneira a obter a relação entre a duração do relacionamento e a perpetração de violência na relação de namoro, discretizou-se a variável duração do relacionamento atual em dois grupos. No grupo 1 encontram-se 110 sujeitos com durações compreendidas entre os 0 e os 30 meses de relacionamento e no grupo 2 encontram-se 53 sujeitos cujas relações compreendem os 31 e os 106 meses de relacionamento amoroso. Procedeu-se à comparação da média entre grupos utilizando o teste *t de student* para amostras independentes.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos referentes à duração do relacionamento atual e o *score* de ocorrência de violência na relação atual, $t(161) = -3.73$, $p = .709$ (cf. Tabela 11).

Tabela 11. Diferenças entre grupos com gamas distintas de duração do relacionamento atual na perpetração de violência na relação atual

	Grupo 1 duração do relacionamento atual (n=110) M (DP)	Grupo 2 duração do relacionamento atual (n=53) M (DP)	t (161)
Perpetração de violência na relação atual	.81 (3.48)	1 (1.88)	-3.73

Hipótese H2: Existem diferenças entre sexos na ocorrência de violência nas relações de namoro passadas, em que o sexo feminino apresentará menos atos de violência severa, e mais atos de violência ligeira, comparativamente com o sexo masculino.

Não existem diferenças significativas entre os sexos ao nível da perpetração de violência nas relações passadas, $t(270) = 1.38$, $p = .170$ (cf. Tabela 12).

TABELA 12. Diferenças entre sexos ao nível da perpetração de violência nas relações passadas

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	t (270)
	(n=80) M (DP)	(n=192) M (DP)	
Perpetração de violência nas relações passadas	1.51 (3.35)	.99 (2.63)	1.38

Na tabela 13 apresentam-se as percentagens da perpetração de atos de violência nas relações passadas diferenciadas por sexo. A percentagem apresentada corresponde ao valor obtido dentro do grupo sexo, isto é uma vez que o número da amostra é discrepante entre sexos, procedeu-se à análise da percentagem de cada ato agressivo, dentro do grupo sexo (cf. Gráfico 1).

O sexo masculino obteve maiores percentagens nos itens “puxar os cabelos”, “insultar, difamar ou humilhar”, “apertar o pescoço”, “acordar a meio da noite, para causar medo”, “dar um murro”, “atirar objetos”, “dar uma sova”, “dar pontapés ou cabeçadas”, “causar ferimentos que não necessitam de assistência médica” e “forçar atos sexuais”, enquanto as mulheres obtiveram uma maior percentagens nos itens “dar uma bofetada”, “ameaçar com armas”, “partir ou danificar coisas intencionalmente”, “dar empurrões violentos”, “gritar ou ameaçar, para meter medo”. No item “causar ferimentos que necessitam de assistência médica” há um só caso, que é uma mulher. Relativamente aos itens “Impedir o contacto com outras pessoas”, “perseguir na rua, no emprego ou local de estudo” e “ficar com o salário da outra pessoa” ambos pontuaram com percentagens idênticas.

Foi também realizado um teste de diferenças de proporções, teste Z, onde se observa que nos itens “Puxar cabelos”, “Dar uma bofetada” e “Atirar com objetos”, as diferenças entre os sexos mostraram-se estatisticamente significativas (cf. Tabela 13).

TABELA 13. Prevalência e teste de diferenças de proporções (teste Z) dos comportamentos abusivos perpetrados nas relações passadas por sexo dos inquiridos

	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Teste Z
	N	Percentagem (%)	N	Percentagem (%)	
Puxar os Cabelos	6	0.08	7	0.04	B*
Insultar, Difamar ou Humilhar	16	0.2	26	0.18	
Dar uma bofetada	7	0.09	26	0.14	B*
Apertar o pescoço	3	0.04	0	0	
Ameaçar com Armas	1	0.01	3	0.02	
Partir ou Danificar Coisas Intencionalmente	4	0.05	11	0.06	
Acordar a meio da noite, para causar medo	1	0.01	0	0	
Dar um murro	2	0.03	3	0.01	
Impedir o contacto com outras pessoas	4	0.05	9	0.05	
Atirar com Objetos	5	0.06	7	0.04	B*
Dar uma sova	2	0.03	1	0.01	

Dar Pontapés ou Cabeçadas	2	0.03	2	0.01
Dar Empurrões Violentos	8	0.1	14	0.07
Perseguir na rua, no emprego ou local de estudo	1	0.01	2	0.01
Causar ferimentos que não necessitam de assistência médica	2	0.02	2	0.01
Causar ferimentos que necessitam de assistência média	0	0	1	0.01
Forçar atos sexuais	2	0.03	2	0.01
Ficar com o salário de outra pessoa	1	0.01	1	0.01
Gritar ou ameaçar, para meter medo	8	0.1	14	0.07

*Os resultados são baseados em testes de duas etapas com o nível de significância .05. Para cada par significativo, a chave da categoria com a menor proporção da coluna aparece sob a categoria com a maior proporção da coluna.

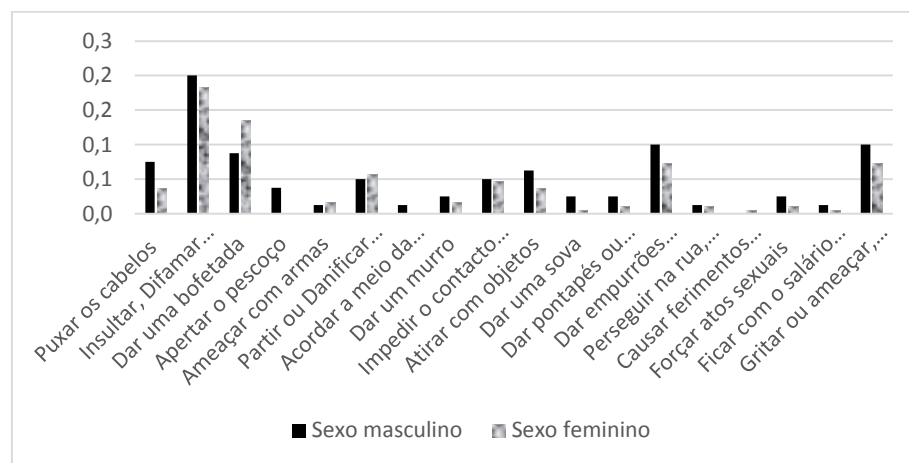


Gráfico 1. Frequência dos comportamentos violentos praticados, em percentagem

Hipótese H3a: Existirá correlação positiva e significativa entre neuroticismo e perpetração de violência: quanto maior for o score de neuroticismo, maior será o score de violência.

A partir da análise dos resultados da análise de correlação, com cálculo do coeficiente de *Pearson*, é possível verificar que há uma correlação positiva significativa entre o score de Neuroticismo e o score de perpetração de violência nas relações passadas, com $r=.147$, $p=.015$ (ou seja, $p < .05$). Assim, sujeitos com níveis de Neuroticismo mais elevados estão envolvidos em maiores níveis de perpetração de violência nas relações românticas, apoiando a Hipótese 3a (c.f. Anexo a - Tabela 14).

Relativamente à correlação entre o *score* de Neuroticismo e o *score* de perpetração de violência nas relações atuais, não se observa uma correlação estatisticamente significativa entre as variáveis estudadas, $r=.003$, $p=.974$.

Hipótese H3a1: Analisando a associação entre neuroticismo e a perpetração de violência apenas no grupo referente que praticou violência na relação, espera-se se obter um resultado idêntico ao da hipótese 3a.

De forma a complementar a hipótese anterior, procedeu-se à análise de correlação idêntica à da hipótese mencionada acima (H3a), apenas restrita aos sujeitos que haviam perpetrado violência, $n=86$.

Obteve-se uma correlação positiva significativa de $r=.214$, com um nível de significância de $p=.048$ (c.f. Anexo a - Tabela 15).

Hipótese H3b: Existirá correlação positiva e significativa entre a faceta da raiva e perpetração de violência: quanto maior for o score de raiva, maior será o score de violência.

Os resultados obtidos com a análise de correlação apoiam a hipótese (H3b), verificando-se que a faceta da raiva se associa de forma positiva e estatisticamente significativa à perpetração de violência nas relações passadas, com $r=.139$, $p=.022$. Assim, verifica-se que maiores níveis de raiva estão associados a maiores níveis de perpetração de violência nas relações de namoro que ocorreram no passado.

Relativamente à correlação entre o score de raiva e a ocorrência de violência nas relações atuais, $r=.083$, $p=.292$, não é possível afirmar a existência de associação, uma vez que $p > .05$ (c.f. Anexo a - Tabela 16).

Hipótese H3b1: Quanto maior for o score de raiva, maior será o score de violência (grupo de perpetradores).

Restringindo a análise de correlação apenas aos sujeitos que pontuaram na perpetração de violência ($n=86$), obteve-se uma correlação positiva significativa, $r=.235$, $p=.030$. Fornecendo apoio empírico à hipótese 3b1 (c.f. Anexo a - Tabela 17).

Hipótese H3c: Existirá uma correlação significativa e negativa entre amabilidade e ocorrência de violência: quanto maior for o score de amabilidade, menor será o score de ocorrência de violência.

A correlação encontrada entre o score de Amabilidade e o score de perpetração de violência nas relações passadas, calculada pelo coeficiente de correlação de *Pearson*, é de $-.079$, com uma probabilidade associada de $p=.193$. Perante este valor da probabilidade (não significativo), conclui-se que não se pode excluir a hipótese de estarmos perante uma ausência de correlação entre as variáveis estudadas. Não se pode excluir a hipótese nula e consequentemente concluir que não se regista uma correlação significativa estatisticamente entre o score de Amabilidade e o score de perpetração de violência nas relações passadas.

O mesmo se observa na correlação com o score de violência nas relações atuais, $r = -.036$, $p = .645$ (c.f. Anexo a - Tabela 18).

Hipótese H3c1: Idêntica correlação negativa entre amabilidade e ocorrência de violência, se verificará no grupo de perpetradores.

Tal como na hipótese 3c, não se verifica uma associação estatisticamente significativa. A análise de correlação de *Pearson* entre o score de amabilidade e o score de perpetração de violência nas relações românticas, no grupo de perpetradores ($n=86$), $r = -.084$, com um nível de significância $p = .440$, não permite concluir que haja correlação significativa entre as variáveis em estudo (c.f. Anexo a - Tabela 19).

Hipótese H3d: Existe associação significativa negativa entre conscienciosidade e perpetração de violência: quanto maior for o score de conscienciosidade menor será o score de ocorrência de violência.

A análise de correlação, $r = -.093$, não devolveu uma associação estatisticamente significativa. Assim, o valor da probabilidade, $p > .50$, permite-nos reter a hipótese nula (H_0) e conseqüentemente concluir que não há uma correlação estatisticamente significativa relativamente aos níveis do traço da conscienciosidade e a intensidade de perpetração de violência nas relações passadas.

Relativamente à mesma nas relações atuais, $r = -.038$, $p = .631$, também não se pode afirmar a existência de uma correlação estatisticamente significativa (c.f. Anexo a - Tabela 20).

Hipótese H3d1: Uma correlação idêntica é esperada restringindo-se a análise ao grupo de inquiridos que praticou violência.

A análise mostra uma correlação negativa mas que não é estatisticamente significativa, $r = -.138$, indo de encontro ao resultado da amostra completa. O nível de significância $p = .205$, não nos permite afirmar a existência de uma correlação significativa entre o score de conscienciosidade e o score de perpetração de violência, apenas incluindo os sujeitos que pontuaram acima de 0 nos itens do questionário IVC ($n=86$) (c.f. Anexo a - Tabela 21).

Hipótese H3e: Existe associação significativa negativa entre a faceta autodisciplina e perpetração de violência: quanto maior for o score da faceta autodisciplina menor será o score de ocorrência de violência.

Uma vez que o traço da Conscienciosidade apresenta a Autodisciplina como uma das suas facetas, e a mesma avalia o controlo dos impulsos dos participantes, analisou-se a correlação entre a faceta da Autodisciplina e o *score* de perpetração de violência nas relações passadas. Verificou-se uma

correlação negativa significativa entre a Autodisciplina e a perpetração de violência nas relações passadas, $r = -.120$, $p = .048$. O resultado permite-nos afirmar que quanto maior os níveis da faceta Autodisciplina, menor é a perpetração de violência nas relações românticas.

Contrariamente, na associação entre a Autodisciplina e a ocorrência de atos violentos nas relações atuais, não se observa uma correlação estatisticamente significativa, $r = .021$, $p = .790$ (c.f. Anexo a - Tabela 22).

Hipótese H3e1: Quanto maior for o score da faceta autodisciplina menor será o score de ocorrência de violência. (grupo de perpetradores).

Os resultados da análise de correlação, $r = -.137$, $p = .208$, não mostram uma associação estatisticamente significativa ($p > .50$), o que nos permite reter a hipótese nula. Não se pode concluir que a faceta Auto-disciplina se relacione com o grau de violência nas relações passadas nos sujeitos perpetradores (c.f. Anexo a - Tabela 23).

V - Discussão

A presente investigação pretendeu em primeiro lugar, compreender se a presença de certos traços da personalidade está relacionada com a tendência para a prática de comportamentos agressivos nas relações de namoro nos adultos emergentes. Foi também examinada a relação da existência de violência na relação com a duração da relação atual dos participantes, e a diferença entre sexos.

O primeiro resultado do presente estudo foi que, na amostra, não se apuraram diferenças significativas na perpetração de violência entre grupos que diferiam na duração do relacionamento atual. No entanto, pode-se observar que o grupo com menor duração apresentava uma média inferior ao grupo de maior duração. Este resultado não se pode considerar inteiramente conclusivo uma vez que a dimensão dos grupos é muito discrepante, o grupo 1 apresenta 110 sujeitos enquanto o grupo 2 apenas compreende 53 participantes. Uma vez que apenas 164 sujeitos apresentavam uma relação amorosa, a amostra inicial seria reduzida para metade, diminuindo o poder da análise. Uma outra possível explicação para os resultados obtidos poderá ser o viés de desejabilidade social, isto é “representar tendências de distorção de autorrelatos para uma direção favorável, negando, assim, comportamentos socialmente indesejáveis” (Furnham, 1986 citado por Gouveia, Guerra, Sousa, & Costa, 2009).

Um segundo resultado foi de que não se verificaram diferenças entre sujeitos do sexo masculino e sujeitos do sexo feminino, no que diz respeito a perpetração de violência nas relações de namoro passadas. A inexistência de diferenças já era esperada, uma vez que segundo O’Leary e Williams (2006 citados por Reagan, 2011); Straus e Ramirez (2007), os estudos revelam uma grande quantidade, e igualmente proporcional, de homens e mulheres envolvidos em situações de violência nos casais. No entanto, é possível

observar que a média de perpetração é superior nos homens (1.51) comparativamente com as mulheres (.99), mas uma vez que o presente estudo compreende uma amostra composta por 70,5% de sujeitos do sexo feminino e 29,5% por elementos do sexo masculino, esta discrepância do tamanho dos grupos dificulta a sua comparação. Adicionalmente, há a registrar que, quer no grupo dos homens, quer no das mulheres, existe uma percentagem muito elevada de sujeitos com scores de 0 em violência.

Considerando-se pertinente detalhar os atos da amostra perpetradora de violência, verificou-se que os homens pontuaram com percentagem significativamente superior nos itens mais severos como “puxar os cabelos”, “apertar o pescoço”, “dar um murro”, “atirar objetos”, “dar uma sova”, “dar pontapés ou cabeçadas”, “causar ferimentos que não necessitam de assistência médica” e “forçar atos sexuais” indo de encontro com a defesa de Reagan (2011) de que a perpetração de violência decorre tanto por membros do sexo masculino como por elementos do sexo feminino, diferenciando apenas na severidade da violência que usam, sendo que os homens cometem atos agressivos com maior gravidade comparativamente com as mulheres (cf. Gráfico 1). Mas a prevalência maior masculina é apenas estatisticamente significativa em “Puxar cabelos”, “Dar uma bofetada” e “Atirar com objetos”.

Um objetivo principal da presente investigação era estudar a associação entre os diferentes fatores de personalidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores, nomeadamente Neuroticismo, Amabilidade e Conscienciosidade, com a vulnerabilidade para a violência nas relações íntimas, tanto atuais como passadas. Os resultados não mostraram nenhuma correlação significativa entre os traços da personalidade em estudo e a perpetração de violência nas relações atuais dos inquiridos. Uma vez que ao estudar as relações atuais dos participantes a amostra encontra-se reduzida para metade, apenas apresentando 164 sujeitos, a redução do poder da análise pode ser um condicionante da obtenção de resultados significativos. Um outro fator explicativo possível pode ser, como mencionado acima, o viés nas respostas dos inquiridos da desejabilidade social.

Deste modo, no espaço que se segue, apenas irá ser apresentada a discussão dos resultados das hipóteses referentes à perpetração de violência nas relações passadas dos participantes.

Na análise da hipótese ($H3a$), de existir correlação entre o neuroticismo e o grau de perpetração de violência nas relações passadas obteve-se um resultado que sugere esta associação (estatisticamente significativa). A magnitude do coeficiente ($r = .147$) é considerada baixa, segundo o critério de r , isto é situado entre 0,1 e 0,3 é baixo, entre 0,3 e 0,5, moderado, e igual ou superior a 0,5, elevado (Martins, 2011). Assim, concluiu-se que valores mais elevados de neuroticismo estão associados, igualmente, a valores mais altos de violência nas relações românticas ou vice-versa.

De acordo com Costa e Widiger (1994) e Bolger e Schilling (1991), indivíduos com níveis elevados de neuroticismo apresentam ansiedade excessiva ou dificuldade em tolerar a frustração causada quando não alcançam o que pretendem, estratégias de coping mal adaptativas, são mais propícios a

stress psicológico e segundo Holland e Roisman (2008) e Karney e Bradbury (1995), normalmente são inseguros nas suas relações, apresentando maiores dificuldades em adaptar-se a dificuldades tanto individuais como no seio das relações íntimas. No estudo realizado por Ode et al. (2008), os traços da personalidade Neuroticismo e Amabilidade interagem de maneira a inibir ou potenciar atos de violência. Os autores concluíram então que, apesar de ambos os traços atuarem através de um esforço conjunto, o neuroticismo atua potenciando a agressão, indo assim de encontro com a hipótese e resultados obtidos.

Na hipótese (*H3a1*), de associação entre neuroticismo e grau de perpetração de violência, apenas nos sujeitos que realizaram atos violentos, a correlação positiva é maior e significativa, $r = .214$ e $p = .048$, dando suporte empírico à hipótese.

DeYoung et al. (2007), assumem que todos os traços da personalidade, segundo o modelo dos Cinco Grandes Fatores, sendo o mesmo um modelo hierárquico, apresentam domínios. Referente ao traço do neuroticismo, o mesmo divide-se entre Volatilidade e Supressão, pelo que a raiva é a faceta dominante do traço Volatilidade. Deste modo, pretendeu-se estudar a associação entre a faceta da raiva, obtida através do item 44 -Irrito-me com facilidade, e a agressão nas relações amorosas, dando origem à hipótese (*H3b*), analisada através da correlação.

Como esperado, foi encontrada uma correlação positiva ($r = .139$) entre a experiência de raiva e a perpetração de violência nas relações passadas, estatisticamente significativa. Sujeitos com mais frequente experiência de raiva tendem a apresentar valores mais altos de perpetração em relacionamentos íntimos e vice-versa. Isto faz sentido, uma vez que um dos predisponentes para a execução de atos violentos é a raiva (Marcus, 2005). No entanto essa covariação de baixa magnitude (coeficiente pouco superior a 0,1), pelo que não é muito explicativa da perpetração de violência.

A mesma relação, nos sujeitos que exerceram violência nas suas relações, pauta-se por uma correlação positiva significativa, como anteriormente, mas de maior magnitude e maior nível de significação ($r = .235$ e $p = .030$). O padrão de correlação pode indicar que é devido à faceta da raiva que o traço neuroticismo se associa com a violência exercida nas relações de namoro.

A análise da associação (*H3c*) entre o traço da personalidade Amabilidade e a perpetração de atos violentos nas relações passadas dos inquiridos não devolveu correlações estatisticamente significativas.

Segundo Ode et al. (2008), a expressão da raiva através da agressão encontram-se associados com o traço da personalidade Amabilidade. Esta atua inibindo a execução de comportamentos violentos, desempenhando um papel importante na autorregulação do afeto negativo. Também Graziano e Tobin (2002 citado por Ode et al. 2008) afirmam que indivíduos amáveis são motivados a evitar emoções como a raiva, que podem levar a conflitos interpessoais.

Através da revisão de literatura feita na presente investigação, seria de esperar que se obtivesse uma correlação negativa e significativa das variáveis em estudo. Foi obtida uma correlação negativa, no entanto a mesma não se mostrou significativa. Uma explicação possível para este resultado poderá ser a distribuição dos valores de violência, altamente assimétricos, e baixos níveis de violência auto-relatados nesta amostra. Uma outra consideração importante é que o teste desta hipótese implica o teste dos efeitos de interação entre neuroticismo e amabilidade, mais do que o efeito da amabilidade por si só, um teste que não foi realizado neste estudo, mas passível de se realizar em futuros estudos, recorrendo a análises apropriadas, e com amostras de dimensão superior.

Idêntica análise restrita ao grupo de perpetradores (*H3c1*), apresenta resultados idênticos, ou seja, uma correlação negativa mas não significativa.

O teste à existência de uma associação entre o traço de Conscienciosidade e o grau de violência no seio da relação dos casais, não mostrou correlação estatisticamente significativa. Indivíduos que apresentam pontuações ao nível deste traço são sujeitos com bastante controlo sobre si próprios (Costa & Widinger, 1994), seria assim expectável uma correlação negativa entre ambas as variáveis. Uma possível explicação para a ausência de correlação poderá ser o facto de o score de Conscienciosidade ser o que apresenta consistência interna mais baixa, de .630. Segundo Pestana e Gageiro (2008 citado por Martins, 2011), um alfa de Cronbach de valor entre .60 e .70 é considerado fraco. Uma outra possível explicação será à luz do modelo teórico da autorregulação como analisador dos fatores precipitantes e moderadores da violência, tal como acima referido acerca da interação entre neuroticismo (ou agressividade) e amabilidade, de que os aspetos referentes ao traço da conscienciosidade funcionem como inibidores quando existe um impulso de agressão, ou seja, um efeito de interação. Este não foi abordado neste estudo, podendo ser abordado em futuras investigações.

No que concerne ao grupo de perpetradores, (*H3d1*), a associação também não se mostrou significativa embora com maior tendência nesse sentido ($r = -.138$ e $p = .205$).

Segundo Miller et al. (2008 citados por Carvalho e Novo, 2012), estudos sobre a presença de violência nas relações de namoro têm vindo a identificar alguns traços associados, nomeadamente a Conscienciosidade, que se relaciona, em sentido negativo, com o comportamento antissocial e com a agressividade. Carvalho e Novo (2012), defendem que esta correlação é estabelecida pela faceta Deliberação, referente ao traço Conscienciosidade. Segundo Costa e McCrae (1992 citados por Carvalho & Novo, 2012), esta faceta envolve a “capacidade individual de pensar cuidadosamente antes de agir”, o que contribui para a conservação da importância do controlo dos impulsos como uma característica importante para a compreensão dos problemas antissociais e da agressão.

Uma vez que o inventário utilizado no presente estudo, IPIP BF50, apenas foi administrado sob a forma reduzida não foi possível medir a faceta Deliberação. No entanto, é permitido através da cotação dos itens 3 (‘Estou

sempre preparado’), 23 (‘Realizo as tarefas imediatamente’) e 38 (‘Fujo às minhas obrigações’) obter a pontuação relativa à faceta Autodisciplina. A Autodisciplina também avalia sujeitos que se mostram controlados, o que nos pode levar a admitir ter uma relação com a faceta Deliberação.

Foi então criada a hipótese *H3e*, com o objetivo de relacionar a faceta Autodisciplina do traço Conscienciosidade com a perpetração de violência nas relações de namoro passadas. Verificou-se uma correlação negativa significativa entre as variáveis em teste, $r = -.120$ e $p = .048$. Assim, pode-se afirmar que quanto maior os níveis da faceta Autodisciplina menor será a perpetração de violência nas relações românticas, indo ao encontro da afirmação enunciada por Carvalho e Novo (2012).

A mesma análise apenas nos sujeitos que se enquadram no grupo de perpetradores (*H3e1*), no entanto não devolveu correlação significativa, ao contrário do que se verificou na hipótese *H3e*. Tal ausência de resultados pode dever-se ao facto de o coeficiente de correlação obtido na hipótese *H3e* ser baixo e ao passar-se para uma amostra mais reduzida, em que o n é apenas de 86, diminuir o poder e a capacidade de detectar um resultado significativo.

VI - Conclusão

A dissertação teve como objetivo primordial estudar a importância dos traços da personalidade segundo o modelo dos Cinco Grande Fatores, nomeadamente a Amabilidade, Conscienciosidade e Neuroticismo, na ocorrência de violência nas relações de namoro na idade emergente, bem como a influência de outras variáveis sociodemográficas como a duração do relacionamento atual e o sexo dos participantes. Este estudo tenta ainda dar resposta a uma lacuna detetada na investigação, dado que não existem muitos estudos com a população dos adultos emergentes.

De forma a cumprir este objetivo foi necessário construir um questionário, que foi aplicado a estudantes universitários. O protocolo de recolha continha questões sociodemográficas, o IVC, que permitiu examinar a presença e/ou ausência de violência nas relações amorosas e o IPIP BF50, a fim de obter informações acerca dos traços de personalidade de cada sujeito.

Pode destacar-se como pontos fortes desta investigação o estudo de uma relação entre certos traços de personalidade (neuroticismo, amabilidade e conscienciosidade) e a violência nas relações de namoro, com interesse tanto para a criação de programas de prevenção como posteriormente ao nível da intervenção clínica.

No entanto, devem apontar-se algumas limitações. A amostra é reduzida em certas análises, uma vez que a manifestação de violência ocorre numa percentagem limitada da amostra global. Assim, seria desejável que em futuros estudos se utilizasse uma amostra mais abrangente de sujeitos que se encontrem em relacionamentos no momento de estudo. O desequilíbrio dos dois sexos também se tornou uma limitação, uma vez que não é equilibrado o

número de sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino, com uma proporção de 70% mulheres e 30% homens, aproximadamente.

A amostra é uma amostra de conveniência obtida através de contactos pessoais dos investigadores. Uma outra limitação do presente estudo foi o recurso a análises que supõem uma relação linear entre as variáveis, como a correlação, podendo prever-se outras abordagens ao teste das hipóteses, que podem passar pela discretização /dicotização da variável *score* de perpetração de violência.

No que concerne ao IVC, o mesmo admite que um sujeito é perpetrador a partir do momento em que responde já haver exercido violência uma vez na sua relação. Assim, uma sugestão a melhorar no inventário seria a atribuição de peso aos itens, segundo a intensidade de violência que representam. Relativamente ao IPIP BF50, a consistência interna da escala não foi muito boa, podendo levar os sujeitos a apresentar dificuldades no entender de determinados itens, assim em estudos futuros deveria existir uma nova revisão do questionário ou o uso de um inventário diferente para a recolha de dados referente à personalidade.

Em estudos futuros, seria importante a exploração da história de socialização ou psicopatologia de cada individuo, o uso de outras medidas que não as de autorrelato ou o cruzamento com outras fontes como os pares românticos, uma vez que nem sempre os dois membros do casal responderam ao protocolo.

Uma outra direção de estudo futuro seria relacionar os traços da personalidade com a vitimização, visto que o interesse do presente estudo centrou-se na perpetração de violência. Seria também importante o recurso a análises de regressão logística do efeito dos traços e considerar como fatores os termos de interação entre os diferentes traços da personalidade de maneira a obter a influência dessa interação na perpetração de violência nas relações amorosas.

Bibliografia

- Alferes, V. R. (2010). *Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas*. In Vala, J & Monteiro, M.B. (1996). *Psicologia Social*. (2nd ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Allport, G. W. (1961). *Pattern and Growth in Personality*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- American Psychological Association (APA). (2002). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. Washington, DC: Author.
- Apavparajovenspt. (2016). Apavparajovenspt. Acedido a 16 junho, 2016, em <http://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e1>.
- Araújo, H. (2013). *Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Aggression and Violence Behavior*, 7, 313-351.
- Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.
- Arnett, J.J. (2000). Emerging Adulthood A Theory of Development From the Late Teens Through the Twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J.J & Tanner, J.L. (2006). *Emerging adults in America: coming of age in the 21st century*. (1st ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- Barelds, D. H. (2005). Self and partner personality in intimate relationships. *European Journal Of Personality*, 19(6), 501-518.
- Bogeanu, E. L. (2014). Teenage Dating Violence: Etiology and the Role of Prevention. *Revista de Asistență Socială*, 13 (4), 219-235.
- Bolger, N., & Schilling, E. A. (1991). Personality and the problems of everyday life: The role of neuroticism in exposure and reactivity to daily stressors. *Journal of Personality*, 59, 355–386.

- Bolger, N., & Zuckerman, A. (1995). A framework for studying personality in the stress process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 890–902.
- Brown B. B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (p. 363-395). New York: Willey.
- Carvalho, R. .G & Novo, R. .F., . . (2012). Personalidade e Comportamentos Problema: Um Estudo Comparativo com Adolescentes em Contexto Escolar. *Psicologia: Refl exão e Crítica*, 27(1), 64-70.
- Christopher, F. S. (2001). *To dance the dance: a symbolic interacional exploration of premarital sexuality*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Coker, A. L., Smith, P. H., McKeown, R. E., & King, M. J. (2000). Frequency and Correlates of Intimate Partner Violence by Type: Physical, Sexual, and Psychological Battering. *American Journal of Public Health*, 90, 553-559.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1990). Personality disorders and the five-factor model of personality. *Journal of Personality Disorders*, 4(4), 362-371.
- Costa, P. T. & Widinger, T. A. (1994). *Introduction: Personality disorders and the Five-Factor Model of Personality*. In Costa, P.T. & Widiger, T.A. (Eds), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 1-12). Washington, DC: American Psychological Association.
- Davidoff, L. L. (2001). Adolescência e Vida Adulta. In Pearson Education do Brasil (ED.), *Introdução à Psicologia: Terceira Edição* (pp. 469, 474-476). São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Depue, R. .A. & Collins, P. .F. . (1999). Neurobiology of the structure of personality: Dopamine, facilitation of incentive motivation, and extraversion. *Behavioral and brain sciences* , 22, 491-569.
- DeYoung, C. .G, Quilty, L. .C. & Peterson , J. .B. . (2007). Between Facets and Domains: 10 Aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(5), 880-896.
- Dyce, J. A., & O'Connor, B. P. (1998). Personality disorders and the five-factor model: A test of facet-level predictions. *Journal of Personality Disorders*, 12 (1), 31-45.

- Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L., & Bouchey, H. A. (2002). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development, 73*, 241-255.
- Goldberg, L. R. (1999). A broad-bandwidth, public domain, personality inventory measuring the lower-level facets of several five-factor models. In I. Mervielde, I. Deary, F. De Fruyt, & F. Ostendorf (Eds.), *Personality Psychology in Europe*, Vol. 7 (pp. 7-28). Tilburg, The Netherlands: Tilburg University Press.
- Gouveia et al.. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica, 8*(1) 87-98.
- Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2003). Intimate Terrorism and Common Couple Violence A Test of Johnson's Predictions in Four British Samples. *Journal of Interpersonal Violence, 18*, 1247-1270.
- Hall, C. S., Lindzey, G & Campbell, J. B. (1998). Teorias da Personalidade. (4th ed.). São Paulo: ARTMED.
- Halley, H. H. (1983). Close relationships. New York: W H Freeman.
- Hamachek, D. (1990). Evaluating Self-Concept and Ego Status in Erikson's Last Three Psychosocial Stages. *Journal Of Counseling & Development, 68*(6), 677.
- Holland, A. .S. & Roisman, G. .I. (2008). Big Five personality traits and relationship quality: Self-reported, observational, and physiological evidence. *Journal of Social and Personal Relationships, 25*, 811-829.
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and control gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence Against Women, 12*, 1003-1018.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin, 118*, 3-34.
- Kelley, H. et al. (1983). *The analysis of close relationships*. In H. H. Kelley, E. Berscheid, J. Harvey, T. L. Huston, G. Levinger, E. McClintock, A. Pelau, and D. R. Peterson (Eds.), *Close Relationships*. San Francisco: Freeman. Kittrell, D. (1998). A Comparison of the Evolution of Men's and Women's Dreams in Daniel Levinson's Theory of Adult Development. *Journal Of Adult Development, 5*(2), 105.
- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2008). Differentiation among types of intimate

- partner violence: Research update and implications for interventions. *Family Court Review*, 46, 476-499.
- Lang, K. L. , Livesley, W. J & Vernon, P. A. . (1996). Heritability of the Big Five Personality Dimensions and Their Facets: A Twin Study. *Journal of Personality*, 64(3), 577-591.
- Laursen, B., & Bukowski, W. M. (1997). A Developmental Guide to the Organisation of Close Relationships. *International Journal of Behavioral Development*, 21, 747-770.
- Laursen, B. & Collins, W. A. (1994). Interpersonal conflict during adolescence. *Psychological Bulletin*, 115, 197-209.
- Laursen, B., & Jensen-Campbell, L. A. (1999). The nature and functions of social exchange in adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *Contemporary perspectives on adolescent romantic relationships* (p. 50-74). New York: Cambridge University Press.
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. (2000). *I.V.C.-Inventário de Violência Conjugal*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para intervir (guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima)*. Comissão para a cidadania e igualdade de género. Presidência do Conselho de Ministros, pp. 16-19.
- Marcus, R.F. (2007). *Agression and Violence in Adolescence*. (1st ed.). New York: Cambridge University Press.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recursos ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- McCrae, R. R. & Costa, P. T. Jr (1995). Trait explanations in personality psychology. *European Journal of Personality*, 9, 231-252.
- McCrae, R. R. & John, O. P. (1992). An Introduction to the Five-Factor Model and Its Applications. *Journal of Personality*, 22, 175-216.
- McNully, J. K., & Hellmuth, J. C. (2008). Emotion regulation and intimate partner violence in newlyweds. *Journal of Family Psychology*, 22, 794-797.
- Ode , S, Robinson, M. .D. & Wilkowski, B. .M. . (2008). Can one's temper be

cooled? A role for Agreeableness in moderating Neuroticism's influence on anger and aggression. *Journal of Research in Personality*, 42, 295-311.

Oriorg. (2016). *Oriorg*. Acedido a 20 de março, 2016, em <http://ipip.ori.org/Portuguese50-itemBigFiveFactorMarkers.htm>.

Prada, M. & Garrido, M. .V. (2013). Conhecer as regras do jogo: Uma introdução às normas para escrita científica da American Psychological Association. *Psicologia*, XxVII(2), 107-143.

Pedroso, T. (2014). *A Personalidade e a Vinculação enquanto factores influentes na Violência no Namoro – estudo com jovens adultos*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Pereira, A & Patrício, T. (2013). *Guia Prático de Utilização do SPSS - Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia* . (8th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Raine, A. (1993). Features of borderline personality and violence. *Journal Of Clinical Psychology*, 49(2), 277-281.

Raynor, D. A., PhD, & Levine, H., PhD. (2009). Associations between the five-factor model of personality and health behaviors among college students. *Journal of American College Health*, 58(1), 73-81.

Reagan, P. (2011). *Close Relationships*. New York: Routledge.

Roberts et al.. (2005). The structure of conscientiousness: an empirical investigation based on seven major personality questionnaires. *Personnel psychology*, 58, 103-139.

Silva, I. B & Nakano, T. C. (2011). Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade: Análise de Pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10 (1), 51-62.

Silva, R. (2015). *Contributos para o estudo da importância das componentes do amor da Teoria Triangular de Sternberg e da personalidade para a satisfação e violência no namoro*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Straus, M. A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.

Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2007). Gender Symmetry in Prevalence, Severity, and Chronicity of Physical Aggression Against Dating Partners by University Students in Mexico and USA. *Aggressive Behavior*, 33, 281-290.

Trentini, C. M et al. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2) 209-217.

Anexos

Anexo a – Tabelas Resultados

Anexo b – Consentimento Informado

Anexo c – Questionário Sociodemográfico

Anexo d – IVC – Inventário de Violência Conjugal

Anexo e – IPIP BF50 Adaptado – International Personality Item Pool

Anexo a – Tabelas Resultados

Tabela 14. Coeficiente de Correlação entre o score de neuroticismo e o score de perpetração de violência

	Neuroticismo	
	R	P
Perpetração de violência na relação atual	.003	.974
Perpetração de violência nas relações passadas	.147*	.015

*.A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 15. Coeficiente de Correlação entre o score de neuroticismo e o score de perpetração de violência no grupo de perpetradores

	Neuroticismo	
	R	P
Perpetração de violência nas relações passadas	.214*	.048

*.A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 16. Coeficiente de Correlação entre o score de raiva e o score de perpetração de violência

	Irrito-me com facilidade	
	R	P
Perpetração de violência na relação atual	.083	.292
Perpetração de violência nas relações passadas	.139*	.022

*.A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 17. Coeficiente de Correlação entre o score de raiva e o score de perpetração de violência no grupo de perpetradores

	Irrito-me com facilidade	
	R	P
Perpetração de violência nas relações passadas	.235*	.030

*.A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 18. Coeficiente de Correlação entre o score de amabilidade e o score de perpetração de violência

	Amabilidade	
	R	P
Perpetração de violência na relação atual	-.036	.645
Perpetração de violência nas relações passadas	-.079	.193

Tabela 19. Coeficiente de Correlação entre o score de amabilidade e o score de perpetração de violência no grupo de perpetradores

	Amabilidade	
	R	P
Perpetração de violência nas relações passadas	-.084	.440

Tabela 20. Coeficiente de Correlação entre o score de conscienciosidade e o score de perpetração de violência

	Conscienciosidade	
	R	P
Perpetração de violência na relação atual	-.038	.631
Perpetração de violência nas relações passadas	-.093	.126

Tabela 21. Coeficiente de Correlação entre o score de conscienciosidade e o score de perpetração de violência no grupo de perpetradores

	Conscienciosidade	
	R	P
Perpetração de violência nas relações passadas	-.138	.205

Tabela 22. Coeficiente de Correlação entre o score de autodisciplina e o score de perpetração de violência

	Autodisciplina	
	R	P
Perpetração de violência na relação atual	.021	.790
Perpetração de violência nas relações passadas	-.120*	.048

*.A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 23. Coeficiente de Correlação entre o score de autodisciplina e o score de perpetração de violência no grupo de perpetradores

	Autodisciplina	
	R	P
Perpetração de violência nas relações passadas	-.137	.208

Anexo b – Consentimento Informado



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Consentimento Informado

Está a ser desenvolvida uma Investigação, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com o propósito de estudar a perceção dos estudantes universitários de questões que afetam as relações íntimas incluindo a violência no namoro.

Vimos deste modo solicitar a sua participação neste estudo, através do preenchimento de um questionário. Asseguramos que os dados recolhidos são inteiramente anónimos e confidenciais, e serão unicamente utilizados para efeitos de investigação.

A sua participação neste estudo é voluntária e tem o direito de recusar ou desistir de colaborar caso assim o entenda.

Estamos à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir.

Obrigada pela sua participação!

Coimbra, 5 de Abril de 2016

A professora orientadora

(Maria São João de Castilho Brêda)
(Professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

Declaro que tomei conhecimento e aceito participar no estudo.

Data: _____

Assinatura/Rúbrica: _____

Anexo c – Questionário Sociodemográfico



Pretende-se com este estudo compreender melhor as questões que afetam as relações de namoro entre estudantes do ensino superior. Deste modo, a sua colaboração é muito importante para que este projeto se concretize. Será apenas necessário que responda, com sinceridade, ao questionário que se segue. Este questionário é anónimo e estritamente confidencial e as respostas nunca serão tratadas individualmente. Muito obrigada pela sua colaboração!

Questionário Sócio – Demográfico

1. Sexo: Masculino Feminino 2. Idade _____
3. Estado civil: Solteiro/a Casado/a Divorciado/a União de Facto
4. Estudante: Universidade Politécnico
5. Tipo de estudante: Estudante Nacional Estudante Internacional
- Estudante de mobilidade (ex.: Erasmus, Erasmus Mundus)
6. Curso que frequenta _____ 7. Ano do curso _____
8. Estatuto: Estudante regular Estudante trabalhador Estudante atleta
- Estudante dirigente associativo/membro órgãos da UC
- Estudante integrado em atividades culturais
- Estudante com participação em atividades de reconhecido mérito universitário
9. Financiamento dos estudos: Pessoal Bolsa
10. Com quem vive em tempo de aulas? _____
11. Quantas vezes contacta, telefonicamente, a família de origem?
- Diariamente
- Semanalmente (uma ou duas vezes por semana)
- Mensalmente (uma ou duas vezes por mês)
- Semestralmente (uma ou duas vezes por semestre)
- Anualmente (uma ou duas vezes por ano)
12. Com que regularidade vai passar o fim-de-semana à casa dos pais (caso não resida com os pais em tempo de aulas)?
- Uma vez por trimestre
- Uma vez por semestre
- Uma vez por ano

Pedíamos-lhe que respondesse a algumas questões sobre a sua vida amorosa

13. Quantas relações amorosas já teve que tenham durado mais de 3 meses? _____
14. Caso tenha no presente uma relação amorosa, responda às seguintes alíneas:
- a. Duração do relacionamento: _____ anos _____ meses

b. Idade do(a) companheiro(a): _____

c. Sexo do(a) companheiro(a): Masculino Feminino

d. Situação académica e/ ou profissional do(a) companheiro(a): Estudante Abandono escolar
Desempregado Trabalhador por conta própria Trabalhador por conta de outrem

15. Habilitações literárias do(a) companheiro(a):

1º ciclo de ensino básico (1º - 4º ano)	<input type="checkbox"/>	2º ciclo de ensino básico (5º - 6º ano)	<input type="checkbox"/>
3º ciclo de ensino básico (7º - 9º ano)	<input type="checkbox"/>	Ensino secundário	<input type="checkbox"/>
Ensino superior: <input type="checkbox"/> Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Licenciatura	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Mestrado	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>

16. Já alguma vez se viu envolvido em alguma situação de violência quando estava sob efeito de álcool? **(Por favor, seleccione a(s) opções que se aplicarem ao seu caso)**

- a. Sim como agente de comportamento agressivo
- b. Sim como alvo de comportamento agressivo
- c. Não

17. Já se envolveu em alguma situação de violência quando estava sob efeito de drogas? **(Por favor, seleccione a(s) opções que se aplicarem ao seu caso)**

- a. Sim como provocador de violência: física verbal psicológica sexual
- b. Sim como vítima de violência: física verbal psicológica sexual
- c. Não

18. Por vezes os relacionamentos amorosos provocam determinados problemas pessoais, relacionais, sociais, de saúde, entre outros.

Quais dos seguintes problemas já viveu na sua vida em consequência de uma relação amorosa? Seleccione as opções que se aplicarem ao seu caso.

Isolamento		Perda de autonomia	
Gravidez		Problemas de consumo de álcool	
Comportamentos sexuais de risco/desprotegidos		Problemas sociais	
Interrupção voluntária		Problemas económicos	
Problemas familiares		Problemas de sono	
Problemas com amigos		Problemas de saúde e bem-estar psicológico	
Depressão		Problemas de saúde sexual	
Perturbações alimentares		Problemas de saúde física	
Stresse		Problemas de imagem pública	
Problemas de autoconfiança		Perda de liberdade	
Problemas de desconfiança no outro		Ansiedade	
Ser traído(a) pelo companheiro(a)		Outros:	
Trair o companheiro(a)			

19. Já alguma vez se sentiu alvo de comportamento agressivo de alguma forma de violência numa relação amorosa?

Sim Não

20. Já alguma vez se encontrou a exercer um comportamento violento numa relação amorosa?

Sim Não

Anexo d – Inventário de Violência Conjugal

I. V. C.

(C. MACHADO, M. MATOS & M. GONÇALVES, 2000; UNIVERSIDADE DO MINHO)

INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a comportamentos que podem ocorrer entre os membros de um casal (ou de uma relação amorosa). Pede-se que **leia atentamente** essas frases e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e **não como pensa que deveria ser**.

Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

As respostas a este inquérito são absolutamente anónimas.

Obrigado pela sua colaboração!

DADOS PESSOAIS

Por favor responda às questões abaixo efectuadas, sem indicar o seu nome.

Idade: _____ Sexo: M F Habilitações: _____

Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a) / União de facto Divorciado(a) / Separado(a) Viúvo(a)

Profissão (se for estudante, indicar profissão dos pais ou outros responsáveis): _____

- A. EM RELAÇÃO A CADA UM DOS COMPORTAMENTOS ABAIXO INDICADOS, POR FAVOR INDIQUE OS QUE JÁ USOU COM O SEU PARCEIRO(A) ACTUAL E OS QUE O SEU PARCEIRO(A) JÁ USOU CONSIGO, REPORTANDO-SE AO ÚLTIMO ANO. NO CASO DE COMPORTAMENTOS QUE JÁ TENHAM OCORRIDO, INDIQUE SE TAL ACONTECEU APENAS UMA VEZ OU MAIS DO QUE UMA VEZ.

Caso não esteja actualmente envolvido numa relação amorosa, por favor prossiga para a parte B (pág. 3) deste questionário.

1. **Puxar os cabelos com força**
a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
2. **Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"**
a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
3. **Dar uma bofetada**
a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
4. **Apertar o pescoço**
a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
5. **Ameaçar com armas (p. ex., faca, pistola, objectos cortantes) ou usando de força física**
a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

E PROIBIDA A REPRODUÇÃO, POR QUALQUER MEIO, DE QUALQUER PARTE DESTE MANUAL SEM A AUTORIZAÇÃO ESCRITA DOS AUTORES, SOB PENA LEGAL. NÃO FOTOCOPIE. RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR E APOIE A INVESTIGAÇÃO.

6. **Partir ou danificar coisas intencionalmente** (p. ex., móveis, objectos pessoais) **ou deitar a comida para o chão, para meter medo**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
7. **Acordar a meio da noite, para causar medo**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
8. **Dar um murro**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
9. **Impedir o contacto com outras pessoas** (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
10. **Atirar com objectos à outra pessoa**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
11. **Dar uma sova**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
12. **Dar pontapés ou cabeçadas**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
13. **Dar empurrões violentos**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
14. **Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
15. **Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
16. **Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica** (especificar _____)
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
17. **Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica** (especificar _____)
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
18. **Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez
19. **Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas**
 a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

20. Gritar ou ameaçar, para meter medo

- a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

21. Outros (especificar _____)

- a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

B. EM RELAÇÃO A CADA UM DOS COMPORTAMENTOS ABAIXO APRESENTADOS, POR FAVOR INDIQUE OS QUE JÁ OCORRERAM NO CONTEXTO DE QUALQUER RELAÇÃO AMOROSA QUE JÁ TENHA MANTIDO NO PASSADO (EXCLUINDO A SUA RELAÇÃO ACTUAL).

No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

1. Puxar os cabelos com força

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

3. Dar uma bofetada

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

4. Apertar o pescoço

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

5. Ameaçar com armas (p. ex., faca, pistola, objectos cortantes) ou usando de força física

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

6. Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objectos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

7. Acordar a meio da noite, para causar medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

8. Dar um murro

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

9. Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

10. Atirar com objectos à outra pessoa

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

11. Dar uma sova

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

12. Dar pontapés ou cabeçadas

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

13. Dar empurrões violentos

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (especificar _____)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

17. Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica (especificar _____)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

18. Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

19. Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

20. Gritar ou ameaçar, para meter medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

21. Outros (especificar _____)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) anterior Já fiz a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fiz a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez
b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

Informação adicional:

1. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido na sua relação actual durante o último ano, por favor indique o tipo de ligação que mantém com essa pessoa:
Casamento/união de facto Divórcio/separação Ligação afectiva sem coabitação
2. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido em qualquer relação do seu passado, por favor indique o tipo de ligação que mantinha então com essa pessoa:
Casamento/união de facto Divórcio/separação Ligação afectiva sem coabitação
3. Já mantive alguma relação amorosa Nunca mantive uma relação amorosa

Anexo e – IPIP BF50

IPIP BF50

Goldberg, L. R. (1999)

VERSÃO PORTUGUESA TRADUZIDA por Oliveira, J. P.. (s.d.) – em adaptação, de uso livre

Descreva-se a si próprio como é agora, não como gostaria de ser no futuro. Descreva como se vê a si próprio honestamente, em relação às outras pessoas do mesmo sexo e mais ao menos da mesma idade que conhece. Responda colocando um círculo no número apropriado a seguir a cada uma das afirmações para indicar até que ponto concorda ou discorda com essa afirmação. Utilize a escala de 1 (Discordo fortemente) a 5 (Concordo fortemente):

1 = Discordo fortemente

2 = Discordo

3= Neutro (nem concordo nem discordo)

4= Concordo

5 = Concordo fortemente

1	Sou aquela pessoa que dá vida a uma festa.	1	2	3	4	5
2	Não me preocupo muito com os outros.	1	2	3	4	5
3	Estou sempre preparado para as diversas situações e eventos.	1	2	3	4	5
4	Fico em <i>stress</i> facilmente.	1	2	3	4	5
5	Possuo um vocabulário rico.	1	2	3	4	5
6	Não falo muito.	1	2	3	4	5
7	Interesso-me pelas pessoas.	1	2	3	4	5
8	Frequentemente acontece-me deixar os meus pertences em qualquer lado.	1	2	3	4	5
9	Estou calmo a maior parte do tempo.	1	2	3	4	5
10	Tenho dificuldade em entender ideias abstratas.	1	2	3	4	5
11	Sinto-me confortável no meio das outras pessoas.	1	2	3	4	5
12	Acontece-me lançar insultos aos outros.	1	2	3	4	5
13	Presto atenção aos detalhes de uma situação ou tarefa.	1	2	3	4	5
14	Sou uma pessoa preocupada.	1	2	3	4	5
15	Tenho uma imaginação vívida.	1	2	3	4	5
16	Na maioria das situações, prefiro manter-me em segundo plano.	1	2	3	4	5
17	Consigo muitas vezes sentir os sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5
18	Costumo confundir-me facilmente.	1	2	3	4	5
19	Raramente me sinto triste.	1	2	3	4	5
20	Não me interesso por ideias abstratas.	1	2	3	4	5
21	Em situações sociais, sou iniciador de conversas.	1	2	3	4	5
22	Não me interesso pelos problemas dos outros.	1	2	3	4	5

23	Quando tenho tarefas, realizo-as imediatamente.	1	2	3	4	5
24	Fico facilmente perturbado.	1	2	3	4	5
25	Tenho excelentes ideias.	1	2	3	4	5
26	Tenho pouco para dizer.	1	2	3	4	5
27	Sou um 'coração mole'.	1	2	3	4	5
28	Muitas vezes esqueço-me de colocar as coisas no seu devido lugar.	1	2	3	4	5
29	Preocupo-me com facilidade.	1	2	3	4	5
30	Não tenho uma boa imaginação.	1	2	3	4	5
31	Nas festas, converso com diferentes pessoas.	1	2	3	4	5
32	Não estou realmente interessado nos outros.	1	2	3	4	5
33	Gosto de ordem.	1	2	3	4	5
34	O meu estado de humor, muda com frequência.	1	2	3	4	5
35	Sou rápido a compreender as coisas.	1	2	3	4	5
36	Não gosto de chamar a atenção para mim próprio.	1	2	3	4	5
37	Dedico tempo aos outros.	1	2	3	4	5
38	Fujo às minhas obrigações.	1	2	3	4	5
39	Tenho frequentes mudanças de humor.	1	2	3	4	5
40	Uso palavras difíceis.	1	2	3	4	5
41	Não me importo de ser o centro das atenções.	1	2	3	4	5
42	Sinto as emoções dos outros.	1	2	3	4	5
43	Normalmente faço planos e sigo-os.	1	2	3	4	5
44	Irrito-me com facilidade.	1	2	3	4	5
45	Passo tempo a refletir sobre as coisas.	1	2	3	4	5
46	Permaneço tranquilo na presença de desconhecidos.	1	2	3	4	5
47	Faço com que as pessoas se sintam à vontade.	1	2	3	4	5
48	Sou exigente no meu trabalho.	1	2	3	4	5
49	Sinto-me muitas vezes triste.	1	2	3	4	5
50	Tenho muitas ideias.	1	2	3	4	5

Obrigado pela sua colaboração!

Sugestões/comentários: